

Em busca da cidadania plena



XIX Encontro Nacional do Movimento das Famílias dos Padres Casados (MFPC) - Fortaleza, 27/06 a 01/07/2012

Ano 29 | nº 225 Maio / Junho 2012

27/06 - QUARTA-FEIRA

15:00 RECEPÇÃO, 18:00 JANTAR
20:00 ABERTURA (salão de eventos)

1. BOAS VINDAS
2. MOMENTO DE REFLEXÃO
3. DINÂMICA DE APRESENTAÇÃO POR ESTADO / REGIÃO
4. APRESENTAÇÃO DA PROGRAMAÇÃO
5. ARAIÁ DO MFPC (quadrilha, forró e comidas típicas)

28/06 QUINTA-FEIRA

- 7:00 CAFÉ DA MANHÃ
8:00 MOMENTO DE ORAÇÃO
8:20 PALESTRA DE MARIA SOAVE: "Elementos bíblicos que têm sido importantes e determinantes para os documentos do Concílio Vaticano II"
10:00 INTERVALO, 10:30 DEBATE, 12:00 ALMOÇO
14:00 CITY TOUR - MERCADO CENTRAL - COMPRAS
18:00 (continuação) CITY TOUR - DRAGÃO DO MAR - JANTAR
20:30 (continuação) CITY TOUR - FEIRINHA - BEIRA MAR 21:30 RETORNO AO SESC

29/06 SEXTA-FEIRA

- 7:00 CAFÉ DA MANHÃ
8:00 MOMENTO DE ORAÇÃO
8:20 PALESTRA DE MANFREDO OLIVEIRA: "Como as linhas mestras das Conferências Episcopais de Medellín e Puebla têm sido a 'tradução' do Concílio Vaticano II para a igreja na América Latina, principalmente no que diz respeito aos documentos "Lumen gentium" e "Gaudium et spes"?"
10:00 INTERVALO, 10:30 DEBATE, 12:00 ALMOÇO

- 13:30 PASSEIO À PRAIA DE CUMBUÇO (próximo ao local do Evento)
16:30 RETORNO AO SESC, 18:00 JANTAR NO SESC
20:00 PARTILHA DE EXPERIÊNCIAS - Por ordem de inscrição
22:00 LANCHE E ENCERRAMENTO DO DIA

30/06 SÁBADO

- 7:00 CAFÉ DA MANHÃ
8:00 MOMENTO DE ORAÇÃO
8:20 PALESTRA DE CARLO TURSI: "Uma leitura da igreja no Brasil e na América Latina hoje: o que podemos evidenciar nas conferências do episcopado latino-americano no modelo e na prática da igreja? Quais perspectivas?"
10:00 INTERVALO, 0:30 DEBATE, 12:00 ALMOÇO
14:00 ASSEMBLÉIA GERAL: Revisão do Estatuto da AR e eleição da nova coordenação nacional.
15:30 INTERVALO
16:00 ASSEMBLÉIA GERAL: continuação
17:30 ENCERRAMENTO, 18:00 JANTAR
20:00 NOITE CULTURAL - Exposição de obras de autoria dos participantes e convidados, painéis, etc. SERESTA E COQUETEL
22:00 ENCERRAMENTO

01/07 DOMINGO

- 7:00 CAFÉ DA MANHÃ
8:00 MOMENTO DE REFLEXÃO
8:20 ENCAMINHAMENTOS para o pós-encontro e AVALIAÇÃO
10:00 INTERVALO
10:30 CELEBRAÇÃO FINAL E POSSE DA NOVA COORDENAÇÃO
12:00 ALMOÇO DE ENCERRAMENTO - DESPEDIDA.

ÍNDICE

RUMO A UMA IGREJA POBRE

NOVO MANIFESTO
DOS PADRES CONTRÁRIOS
AO CELIBATO
PÁG 04

PASSEIO SOCRÁTICO
PÁG 05

EUCARISTIA NEM SEMPRE FOI
MISSA OU SACRAMENTO

COMO ENFRENTAR A SEXTA
EXTINÇÃO EM MASSA
PÁG 06

DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL
PÁG 07

FALTA O BOBO
NA CORTE DO PAPA

TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO
PÁG 08

ONDE ESTÃO OS CRISTÃOS?

MAÇONARIA E IGREJA
PÁG 09

O QUE ESTÁ ACONTECENDO
COM O CATOLICISMO?
PÁG 10

PROBLEMA DO VATICANO COM
OS PADRES QUE SÃO PAIS
PÁG 11

O PAPA E AS INTRIGAS
NO VATICANO

DITADURA ECONÔMICA
PÁG 12

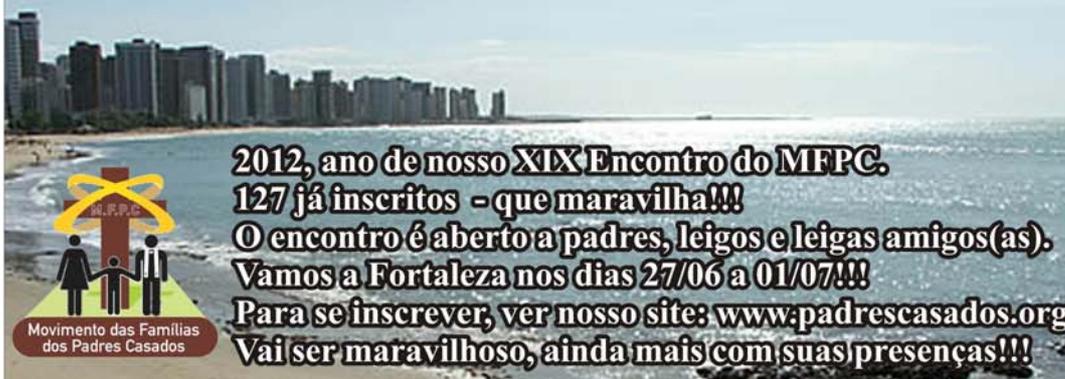
EU SOU RIQUÍSSIMO (A)
PÁG 13

A MULHER DO PADRE

ORDENAÇÃO SACERDOTAL
DE MULHERES
PÁG 14

AS MULHERES DA PÁSCOA
PÁG 15

Vamos a Fortaleza!



2012, ano de nosso XIX Encontro do MFPC.

127 já inscritos - que maravilha!!!

O encontro é aberto a padres, leigos e leigas amigos(as).

Vamos a Fortaleza nos dias 27/06 a 01/07!!!

Para se inscrever, ver nosso site: www.padrescasados.org

Vai ser maravilhoso, ainda mais com suas presenças!!!

Movimento das Famílias
dos Padres Casados

EDITORIAL

Olá amigos e amigas do MFPC e do Jornal RUMOS.

Estou editando o Número 225 do jornal, o último antes do XIX Encontro Nacional do Movimento das Famílias dos Padres Casados.

A programação do Encontro está excelente, conforme podem constatar na capa do jornal.

127 presenças confirmadas. Mas ainda há lugar para mais outros - os da última hora...

É só se comunicar com os secretários do Encontro, Carlos e Rosa Andrade, pelo e-mail candradedigital@gmail.com

Eles darão jeito, intermediando matrícula na AR e alojamento no SESC.

No Encontro haverá

nomeação da nova Diretoria e Colaboradores.

Talvez algumas renomeações.

Possivelmente algum colega me substituirá como editor do jornal RUMOS, já que ocupo este cargo há 4 anos e meio.

Neste caso apresento minhas despedidas a todos os leitores, agradecendo aos colaboradores e aos que me incentivaram com mensagens de apoio e críticas construtivas.

Solicito que continuem a prestigiar nosso Jornal, inclusive angariando novos assinantes.

E os que não fizeram ainda, que quanto antes atualizem seus débitos junto à tesouraria (35,00 pela assinatura anual, ou 132,00mo sócios da AR com direito ao



jornal).

Confirmo minha antecipada alegria pelos encontros pessoais em Fortaleza.

Logo após o Encontro será editado o Número 226 do RUMOS, com as notícias e fotos.

Recebam minha gratidão, minhas escusas pelas falhas, e minha perene amizade.

Gilberto Luiz Gonzaga
editor

Carta do Presidente aos leitores

Caríssimos (as),
saúde e paz!

O coração pulsa forte, os olhos brilham e os nossos braços cearenses se abrem para acolher todos os coirmãos e coirmãs do Movimento das Famílias dos Padres Casados do Brasil e da América Latina.

Os meses de preparação foram intensos e produtivos sob a responsabilidade das comissões: secretaria, temática, finanças, liturgia, saúde e acolhimento, no intuito de que seja de fato um encontro de irmãos e irmãs unidos pelo elo do serviço à vida e à comunidade do povo de Deus.

Acreditamos que o XIX Encontro Nacional cujo tema "Da Igreja que temos para uma Igreja à luz do Concílio Vaticano II na América Latina", terá real-

mente grandiosidade se todos assumirem o compromisso missionário de um pós-encontro, pois a nossa missão vai além dos muros do Movimento e caberá a cada participante ter claro o seu papel como participe de um ministério vivo no seio da sociedade.

Bem, amigos, o desafio está lançado; e agora preparem as malas, e na bagagem não esqueçam de colocar roupas leves para suportar o nosso clima caloroso.

Mas não esqueçam de colocar na mala sorriso, alegria, coração aberto, espiritualidade, mansidão, humildade e tantos outros valores que farão do Nossos encontro o diferencial para o fortalecimento dos nossos laços de eterna família sacerdotal.



Desde já queremos agradecer a adesão de todos(as) os(as) colegas; já contamos com 127 inscritos.

Não esqueçam de nos comunicar as informações de horário de chegada a Fortaleza.

Que todos tenham uma boa viagem e sejam bem vindos à terra da luz.

Fraternalmente.

José Edson da Silva
Presidente Nacional do MFPC

ANUÁRIO PONTIFÍCIO 2012

No total, 17,5% da população do planeta é católica

O número de católicos batizados continua crescendo globalmente, embora com significativas diferenças entre Europa-América e Ásia-África.

As estatísticas constam no Anuário Pontifício 2012.

Os católicos em 2010 somavam 1,196 bilhão, em comparação com cerca de 1,181 bilhão em 2009, com um aumento absoluto de 15 milhões de fiéis. Ao longo dos

últimos dois anos, a presença dos católicos batizados em todo o mundo permanece estável em cerca de 17,5% da população global.

A participação territorial dos católicos sofreu variações não desprezíveis entre 2009 e 2010: perderam importância na América do Sul (de 28,54% para 28,34%) e especialmente na Europa (de 24,05% para 23,83%). Porém, ganharam posição na África (de 15,15% para 15,55%) e no Sudeste da Ásia (de

10,41% para 10,87%).

De 2009 a 2010, o número de bispos no mundo aumentou de 5.065 para 5.104.

A tendência de crescimento no número de sacerdotes, que começou em 2000, continuou em 2010, ano em que foram contados 412.236 padres, dos quais 277.009 diocesanos e 135.227 do clero regular.

No todo, o clero aumentou entre 2009 e 2010 em 1.643 padres. Os aumentos foram registrados na Ásia

(1,695), África (761), Oceania (52) e América (40), enquanto a queda afetou a Europa (905 sacerdotes a menos).

O número de estudantes de filosofia e teologia nos seminários diocesanos e religiosos aumentou 4% nos últimos cinco anos. Diminuiu na Europa (-10,4%) e na América (-1,1%) e cresceu na África (+14,2%), na Ásia (+13%) e na Oceania (+12,3%).

ZENIT.org

Livro sobre José Comblin

Comunico a quem puder interessar que no dia 20 de março próximo (no mais tardar) sairá do prelo da editora Paulus de São Paulo o livro 'Novos desafios para o cristianismo: a contribuição de José Comblin'.

A intenção é dinamizar a reflexão a partir da contribuição de um dos mais importantes teólogos que atuaram na América latina nos últimos decênios.

Participante, desde as primeiras horas, da teologia da libertação, Comblin nunca deixou de ser ao mesmo tempo crítico e concretamente envolvido em trabalhos em prol da causa dos pobres neste continente, até os últimos dias de sua vida.

Estão sendo programados diversos lançamentos do livro por ocasião do primeiro aniversário da morte de José Comblin que ocorre no dia 27 de março próximo.



Em Belo Horizonte haverá um lançamento capitaneado por Dom José Maria Pires, arcebispo emérito da Paraíba, que acolheu a experiência pedagógica de Comblin e deu sempre o seu apoio.

Outros lançamentos são previstos, imagino, em João Pessoa, Recife e Salvador. Há talvez outros lugares, até os últimos dias de sua vida.

Eduardo Hoornaert.

COMUNICADO

José Colaço Martins DOURADO, atual tesoureiro do Movimento das Famílias dos Padres Casados (MFPC), juntamente com sua família agradece as orações e mensagens provenientes de todo Brasil.

Na quarta feira dia 08/02 sofreu um infarto e foi encaminhado para o hospital da Unimed em Fortaleza. A assistência foi imediata, sendo recebido no hospital pelo seu irmão médico e uma equipe de cardiologistas. Após realizar cateterismo foi internado na UTI do próprio hospital e neste sábado, dia 11/02 foi transferido para o apartamento.

Socorro Dourado, sua companheira inseparável me dele-

gou a missão de escrever essa pequena nota de agradecimento a todos os colegas mpicistas, familiares, parentes e amigos.

Acreditamos que a partir de tal situação, nosso Dourado terá que diminuir suas atividades profissionais à frente da Faculdade Trinus na cidade de Cascavel-Ce.

Todos nós que pertencemos ao Movimento no Ceará desejamos que o mesmo se restabeleça o mais rápido possível e que fique inteiramente saudável para participar ativamente do nosso XIX Encontro Nacional.

Edson e Lúcia (Casal Presidente Nacional)

Fortaleza, 12 de fevereiro de 2012

O JORNAL RUMOS é uma publicação bimestral da Associação Rumos/Movimento das Famílias dos Padres Casados do Brasil (MFPC). A Associação Rumos é uma sociedade civil de direito privado, de âmbito nacional, com finalidades assistenciais, filantrópicas, culturais e educacionais, sem fins lucrativos.

Diretoria Executiva da Associação Rumos: biênio 2010/2012

Presidente: José Edson da Silva
Vice-Presidente: Maria Lucia de Moura
1.º Secretário: Enoch Brasil de Matos Neto
2.º Secretário: Maria de Fátima Lima Brasil
1.º Tesoureiro: José Colaço Martins Dourado
2.º Tesoureiro: Maria do Socorro Santos Martins

Organismos de Apoio da AR e Conselho Gestor do Movimento de Padres Casados e suas Famílias: Presidente da AR - José Edson da Silva
Coordenador do Encontro XIX Encontro Nacional do MFPC - o mesmo
Moderador do e-grupo padrecasados
João Correia Favares
Coordenador do site www.padrecasados.org
Enoch Brasil

Representante internacional
Armado Holocheski
Coordenador da comissão de teologia
Francisco Salatiel A. Barbosa
Coordenador da Assessoria Jurídica
Francisco Muniz de Medeiros
Obs. - As respectivas esposas estão incluídas nas funções acima.
Diagramação: Rodrigo Maierhofer Macedo

Conselho Fiscal da AR: Joarez Virgolino Aires e Auxíliia Moraes Aires (PR), Luis Guerreiro Pinto Cacaís e Irene Ortlieb Guerreiro Cacaís (DF) e Fernando Spagnolo e Telma Araújo de Oliveira Spagnolo (DF).

JORNAL RUMOS:

Coordenador do Conselho Editorial do Jornal Rumos: Gilberto Luiz Gonzaga

Jornalista Responsável: Mauro Queiroz (MTB 15025)

Correspondência: artigos, comunicações, artigos, sugestões e críticas devem ser dirigidos para o e-mail: gilgon@terra.com.br de Gilberto Luiz Gonzaga, Porto Belo SC, fone 47-33694672

Os textos assinados não representam necessariamente a opinião do jornal e são de inteira responsabilidade de seus autores.

Assinatura anual:

Assinatura anual: R\$ 35,00 (trinta e cinco reais)

Pagamento pelo BANCO ITAÚ AGÊNCIA: 4453 Nº DA CONTA: 07294-6 OU

BANCO DO BRASIL AGÊNCIA 2850-9 CONTA Nº 1025-1

Comunique imediatamente ao nosso tesoureiro José Colaço Martins Dourado por e-mail (trinusuva@ig.com.br), por carta (José Colaço Martins Dourado, Rua Mário Mamede, 1209 - Aptº 602 - Bairro de Fátima CEP: 60415-000 Fortaleza-CE) ou telefone (85-8899-9287)

Associação Rumos:

Anuidade de sócio - R\$ 120,00 (Cento e Vinte Reais) com direito a assinatura do jornal Rumos

Contribuição para um fundo de ajuda mútua - a partir de R\$ 1,00 por mês;

Pague sua anuidade exclusivamente através de depósito bancário no

BANCO ITAÚ AGÊNCIA: 4453 Nº DA CONTA: 07294-6

Remeta cópia do comprovante para José Colaço Martins Dourado por e-mail (trinusuva@ig.com.br), por carta (José Colaço Martins Dourado, Rua Mário Mamede, 1209 - Aptº 602 - Bairro de Fátima CEP: 60415-000 Fortaleza-CE) ou telefone (85-3334-1876)

PÁGINA DOS LEITORES

É com imensa alegria que a nossa família recebe digitalmente o Jornal Rumos, gostaria de expressar a imensa alegria que é para nós nos deliciar com tamanho sucesso Jornalístico. Estamos agora com a nossa Filhinha a Rhanna nos braços e lendo muitas das mensagens de Amor e Paz desses homens e mulheres que são abnegados em Jesus Cristo e sua Igreja, e, mesmo que impossibilitados de fazer os rituais sacros da Igreja, nos proporcionam o maior amor à humanidade e à Igreja. Enquanto muitos espreguejam, esses homens de Deus jamais abandonam sua fé e sua crença, e continuam sempre a semear os ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Obrigado, Giba, por sempre nos proporcionar essas pérolas, que só o Jornal Rumos pode nos proporcionar.



Patric, Sandra e Rhanna
 py3pam@yahoo.com.br

Queridíssimo amigo: Nuestro PadreDios te siga bendiciendo. Es una verdadera primicia, o mejor dicho, una bendición recibir novo JORNAL RUMOS. Vuelvo a soñar ya que no pensé tener noticias desde el hermano país de Brasil, y más aún volver a ver los rostros de mis hermanos que los conocí en la Argentina en el mes de septiembre del año 2011. Me llené aún más al ver la fotografía de mi profesor P. JOSÉ MARINS.

Es un placer y alegría inmensa poder saber que tengo verdaderos hermanos. Que Papá Dios te alumbre muchísimo en tu camino. Espero estar con ustedes en Fortaleza.

Oswaldo Cunalata
 pacolinotr@yahoo.es

Gilberto, li tudo. Concorro com tudo. O fermento está atuando. Assistiu, por acaso, o filme Ma Educação? Pedro Maldozar? Gostei de ver o santo Marins e o amigo Júlio. Estamos vivos e ainda vamos ao Senador... Aqui em BH Dom José Maria Pires faz excelente trabalho. Por que não o leva a Fortaleza? Unidos em Cristo, Terra.

Gilberto, infelizmente ainda não vai ser desta vez que posso ir ao vosso Encontro. Diga aos colegas que estou com vocês. Se me fizerem Papa, recebo todos vocês para o ministério... e sei que anunciarão o Reino melhor do que nós. Abraços, Terra.

Pedro Camilo Telles
 pedrocamilotelles@gmail.com

Caro amigo Gilberto, muita paz e harmonia!

Obrigado pelo envio. Devagar vou lê-lo, mas pelos títulos o Jornal é 1000.

Parabéns!

Giuseppe Martinelli
 giustumarti@gmail.com

Amigo Giba, o jornal está encantador... você tem um dom especial de sintetizar iguarias em pouco espaço... surpreendente.

José Edson Mariano
 edsonmariano@hotmail.com

Não aguentei sem dar uma passada no Jornal, que pra mim é novíssimo...

E me pareceu muito consistente...

Maria Bernadete Cascaes
 bernadetecascaes@gmail.com

Sobre a notícia "Petição dos Padres Casados aos Bispos". Por que não estender esse manifesto, também, a todos os irmãos em Cristo?

João Carlos Souza Martins
 jcanhoto22@gmail.com

Gracias Gilberto por tu esforzado trabajo! Abrazo compartido a tu esposa.

Oscar Varela
 olgoscario5@yahoo.com.ar

Muito agradecida, Giba, pelo Jornal. Também pela recordação do falecimento do nosso querido Pe. Marcos. Que todos os padres casados se sintam abençoados e agradados por Deus! Abraços! Célia.

Maria Célia Bach
 celiabach@gmail.com

Prezado Gilberto. Muito obrigado.

Atenciosamente.

+ André De Witte

Dom André
 domandredewitte@yahoo.com.br

Obrigado Giba pelo envio de mais um número do jornal Rumos.

Já me inscrevi e comprei as passagens para o encontro de Fortaleza. Veremos-nos lá.

Antonio Evangelista Andrade
 aandrade1956@gmail.com

Los curas casados cada día somos mas y seremos mas.

La verdadera vocacion se descubre fuera de las garras del poder y del privilegio; lejos de Roma se anuncia el evangelio puro. Bendiciones

Erman - Quo vadis
 diocesisdelsanta@yahoo.es

Já li o jornal Rumos e, como sempre, traz muitos artigos interessantes. E agradeço a sua gentileza em colocar o meu depoimento. Parabéns pelo seu grande e belo trabalho.

Raimunda Schacken
 rgilschacken@hotmail.com

Te felicitamos por el contenido y la calidad de lo publicado en Rumos. Es una fuente de información valiosísima. Queremos pedir tu permiso para traducir algunos artículos y publicarlos nosotros en español; desde luego que le daremos a Rumos el justo crédito.

Tere y yo estamos muy entusiasmados por asistir a la reunión de Fortaleza. Confiamos en Dios poder hacerlo. Sin embargo, no podremos quedarnos hasta el final, porque el día 30 debemos de regresar apresuradamente a México, ya que el día uno de julio son las elecciones presidenciales y la renovación de la cámara de senadores, y Tere y yo no queremos dejar de votar, especialmente ahora que está en juego el futuro de nuestra patria.



Lauro Macias Raygosa
 lauro.macias@gmail.com

Tudo bom aqui, e hoje li mais um pouco do teu jornal, muito maravilhoso mesmo! Sou orgulhosa e digo sempre: Parabéns para ti, pai!

Marilyn Gonzaga
 malubrito@gmail.com

Envieio ao José Colaço, tesoureiro, R\$ 50,00 (cinquenta reais) referente à assinatura anual do nosso Jornal Rumos.

Depositei o valor na Agência 2850-9 Banco do Brasil, C.C. 1025-1. Abraços.

Antonio G. Herdt
 herdttag@hotmail.com

Depositei hoje a mensalidade do jornal rumos 35,00 no BBrasil.

Obrigada por divulgar o meu email, foi uma surpresa agradável.

Clarisse Leal
 clarissleal@gmail.com

Tenho visitado o site de vocês e acho de um grande proveito, pois nos atualiza a respeito da Igreja, deixa-nos a par de toda situação que vamos vivendo. Muito bem elaborado e com grande conteúdo.

Quanto à assinatura do jornal estou interessadíssimo, vamos deixar para o próximo mês e pode me enviar o boleto ou a conta para depósito que eu quero receber o jornal, OK.

Carlos Eduardo Souza e Patrícia
 ceduardo159@gmail.com

Quero cumprimentá-lo pelos números de RUMOS, que, até recentemente tenho recebido regularmente. São, para mim, uma leitura muito enriquecedora.

Espero que você continue com essa "garrinha" toda. Um abraço

Franklin Moreira Villela
 franklin_villela@ig.com.br

Aproveito para dizer que o último número está ótimo.

Precisamos mais artigos teológicos e bíblicos, exegetas.

Bismarck Frota Xerez
 bismarck.xerez@yahoo.com.br

Prezado Gilberto, agradeço a gentileza da mensagem!

Ainda não conhecia o Jornal Rumos e fiquei muito feliz em poder apreciar a qualidade dessa valiosa publicação, principalmente a pluralidade de ideias e sinceridade do enfrentamento das questões que são debatidas nas diversas matérias.

É um alento perceber a força e entusiasmo de um movimento autêntico, o MFPC, e que pretende transformar positivamente a Igreja Católica, bem transmitidos no seu Jornal.

Espero que apreciem o livro que enviarei, obra de ficção cujo personagem principal bem pode se enquadrar como uma das "vítimas" descritas na reportagem da página 11 desta edição do Jornal Rumos "Mulheres e Filhos de Padres", reportagem de Sabine Kennel e Philippe Mach.

Aylton Cardoso Vasconcellos
 a_cardo@oi.com.br

Caro Giba, ontem remeti trinta e cinco reais para pagamento da anuidade de RUMOS.

Destino: José, tesoureiro.

Desculpe a demora. Minha saúde impede-me muitos movimentos.

O Rumos está ótimo. Parabéns para você. Valeu o sucesso. Gostei.

Antonio Luiz Bianchessi
 anlubianchessi@oi.com.br

Recebi o último RUMOS, que devorei. Já renovei minha assinatura. Um abraço.



Padre Ney Brasil Pereira
 ney.brasil@itesc.org.br

RUMO A UMA IGREJA POBRE... E IGREJA DESPOJADA...

Por necessidade, mais que por opção

Essa notícia da transformação de uma bela igreja em casa de família, na Inglaterra é sintomática. Provavelmente de uma Mudança de Época...

Em Quebec, Canadá, em 1998, já tinha tido notícia a venda de igrejas, em geral majestosas e muito bonitas. Pela crescente falta de fiéis e também pela grande despesa de seu indispensável aquecimento no rigoroso inverno...

Sinais dos tempos... Igrejas na Europa e na América do Norte, que já foram grandes pontos de referência e tiveram imenso poder na sociedade (no Canadá, até aos anos 1950 não havia cartórios, a não ser os das igrejas. A educação e a saúde eram quase feudos exclusivos das Igrejas...) estão sendo vendidas!

Em Portugal vi um convento trapista do século XII transformado em

mansão de família. E os currais, adegas e alpendres, em pousada.

Na Bahia, o belo e majestoso convento de S. Francisco é hoje um hotel de luxo.

No interior do Maranhão, em S. Félix das Balsas, os 30.000 hectares das terras do Santo foram apropriados pelos paroquianos e municipais.

Em Pastos Bons, a própria cidade estava dentro da légua quadrada das Terras de S. Bento, todos foreiros do Santo... até que, em boa hora, a Diocese de Balsas, de acordo com a Prefeitura, reconheceu a situação de fato e deixou cada um onde estava, reservando à Paróquia só o necessário para as obras paroquiais.

Será que vamos finalmente, voltar às evangélicas e bíblicas figuras de:

- pequeno rebanho
- sal na comida
- pequeno candeeiro
- grão de mostarda
- moeda perdida pela viúva...
- resto de Israel...
- ovelha perdida???

Jesus Cristo, com certeza, não veio fundar um reino de poder, de fausto, de vaidade e de exibicionismo eclesiástico.

Não é à toa que Bento XVI está preocupado com o desaparecimento progressivo das raízes cristãs da Europa...

E com o Islamismo que avança a passos largos na Europa inteira, sem guerra, simplesmente porque está procriando muito mais do que os europeus (média de 8 filhos por família, contra os menos de 2 dos europeus).

João Tavares
tavaresj@elo.com.br



NOVO MANIFESTO DOS PADRES CONTRÁRIOS AO CELIBATO

Os "padres rebeldes" austríacos exigem da Igreja a inclusão dos divorciados, gays e padres casados. Protestam "por uma Igreja mais acreditável".

A lei é feita para as pessoas, não ao contrário; maximamente a lei da Igreja que só existe para servir ao povo

Um numeroso grupo de padres austríacos, que no ano passado levaram a cabo uma "chamada à desobediência", mobilizando-se a favor do celibato opcional e à plena participação de mulheres e leigos na Eucaristia, e provocando comoção no centro da Europa, voltou a emitir um manifesto no qual "protestam por uma Igreja mais acreditável".

No mesmo manifesto "dizemos mais uma vez NÃO" a determinadas atitudes da Igreja, centradas nas "aparições fugazes" para administrar a comunhão em lugar de "oferecer ambiente espiritual e emocional" aos fiéis.

Os padres firmantes do manifesto também se opõem ao fechamento de paróquias quando a única razão é a escassez de sacerdotes. Neste sentido, voltam a reclamar a abertura do sacramento da Ordem a leigos, pois "é a escassez que exige mudar as normas nada bíblicas da Igreja. A lei é feita para as pessoas, não ao contrário, maximamente a lei da Igreja que só existe para servir ao povo.

E, fundamentalmente, "dizemos NÃO quando o direito canônico emite um juízo excessivamente duro e sem piedade para os divorciados que voltam a casar, os casais do mesmo sexo que vivem em



Jesus Bastante, o líder dos padres rebeldes austríacos

família, os padre que, abandonando o celibato, casaram, e para tantas pessoas que seguem sua própria consciência em vez de uma lei feita por homens". Um protesto que pretende ser uma voz erguida perante o silêncio dos bispos, e que pretende dar um "testemunho para a reforma da Igreja".

Este é o novo manifesto dos padres austríacos:

Desde aquela "chamada à desobediência" na qual nos comprometemos a demonstrar nossa própria responsabilidade na renovação de nossa Igreja, temos recebido manifestações de acordo e apoio de todas as partes, tanto de

nosso país como de outros países, menos de bispos: ou silêncio ou, em alguns casos, violenta oposição. Ante à atual penúria de paróquias e a uma atividade pastoral sob a pressão da escassez de padres e sua avançada idade, dizemos uma e outra vez NÃO:

1. Dizemos NÃO quando nos pedem que nos ocupemos cada vez de mais paróquias adicionais porque seríamos somente celebrantes itinerantes e dispensadores de sacramentos para pessoas que carecem de um adequado cuidado pastoral. Opomo-nos a fazer uma aparição fugaz em diferentes localidades sem poder encontrar nem ofe-

contrário, maximamente a lei da Igreja que só existe para servir ao povo.

4. Dizemos NÃO à sobrecarga de trabalho do pároco ao qual se pede que exerça numerosas tarefas, que o impedem de dispor de tempo e energia para ter uma vida espiritual, e ao qual se pede que continue trabalhando muitos anos depois da idade de aposentadoria. Esta demanda excessiva de trabalho repercuta numa menor eficácia de seu ministério.

5. Dizemos NÃO quando o direito canônico emite um juízo excessivamente duro e sem piedade para os divorciados que voltam a casar, os casais do mesmo sexo que vivem em família, os padre que, abandonando o celibato, casaram, e para tantas pessoas que seguem sua própria consciência em vez de uma lei feita por homens".

Porque o silêncio costuma ser interpretado como aceitação e porque queremos ser fiéis à nossa responsabilidade como sacerdotes e pastores, usamos expressar estes cinco pontos de Protesto. Um "protesto" (pro teste, em latim) é literalmente um "testemunho" para a reforma da Igreja, também para nós os pastores que queremos ser. A ausência de alegria com que se dirige hoje a Igreja não é um bom testemunho da alegre mensagem que nos deve motivar. Porque "não queremos ser ditadores e sim companheiros de trabalho para atrair a alegria" (2 Cor 1:24).

ESTADOS QUE GERAM RENDA E A CONSUMEM NO BRASIL

Atenção especial ao Maranhão!!!

Estado	Quanto PAGA ao Governo Federal	Quanto RECEBE do Governo Federal	Resultado Final
Acre	244.750.128,94	2.656.845.240,92	-(2.412.095.111,98)
Amazonas	6.283.046.181,11	9.918.321.477,20	-(3.635.275.296,09)
Amapá	225.847.873,82	2.061.977.040,18	-(1.836.129.166,36)
Pará	2.544.116.965,09	9.101.282.246,80	-(6.557.165.281,71)
Rondônia	686.396.463,36	2.488.438.619,93	-(1.802.042.156,57)
Roraima	200.919.261,72	1.822.752.349,69	-(1.621.833.087,97)
Tocantins	482.297.969,89	3.687.285.166,85	-(3.204.987.196,96)
Alagoas	937.683.021,32	5.034.000.986,56	-(4.096.317.965,24)
Bahia	9.830.083.697,06	17.275.802.516,78	-(7.445.718.819,72)
Ceará	4.845.815.126,84	10.819.258.581,80	-(5.973.443.454,96)
Maranhão	1.886.861.994,84	9.831.790.540,24	-(7.944.928.545,40)
Paraíba	1.353.784.216,43	5.993.161.190,25	-(4.639.376.973,82)
Pernambuco	7.228.568.170,86	11.035.453.757,64	-(3.806.885.586,78)
Piauí	843.698.017,31	5.346.494.154,99	-(4.502.796.137,68)
Rio Gr. Norte	1.423.354.052,68	5.094.159.612,85	-(3.670.805.560,17)
Sergipe	1.025.382.562,89	3.884.995.979,60	-(2.859.613.416,71)
Goiás	5.397.629.534,72	5.574.250.551,47	-(176.621.016,75)
Mato Grosso	2.080.530.300,55	3.864.040.162,26	-(1.783.509.861,71)
Mato Gr. Sul	1.540.859.248,86	2.804.306.811,00	-(1.263.447.562,14)
TOTAL DOS QUE CONSUMEM RENDA			-(69.232.992.198,72)
Espírito Santo	8.054.204.123,90	3.639.995.935,80	+4.414.208.188,10
Minas Gerais	26.555.017.384,87	17.075.765.819,42	+9.479.251.565,45
Rio de Jan.	101.964.282.067,55	16.005.043.354,79	+85.959.238.712,76
São Paulo	204.151.379.293,05	22.737.265.406,96	+181.414.113.886,09
Paraná	21.686.569.501,93	9.219.952.959,85	+12.466.616.542,08
Rio Gr. Sul	21.978.881.644,52	9.199.070.108,62	+12.779.811.535,90
Santa Catar.	13.479.633.690,29	5.239.089.364,89	+8.240.544.325,40
TOTAL DOS QUE GERAM RENDA			+314.753.784.755,78

www.mises.org.br
www.receita.fazenda.gov.br
www.portaltransparencia.gov.br

DO ILUSÓRIO GENE EGOÍSTA AO CARÁTER COOPERATIVO DO GENOMA HUMANO

Tempos de crise sistêmica como os nossos favorecem uma revisão de conceitos e a coragem para projetar outros mundos possíveis que realizem o que Paulo Freire chamava de o "inédito viável".

É notório que o sistema capitalista imperante no mundo é consumista, visceralmente egoísta e depredador da natureza. Está levando toda a humanidade a um impasse pois criou uma dupla injustiça: a ecológica por ter devastado a natureza e outra social por ter gerado imensa desigualdade social. Simplificando, mas nem tanto, poderíamos dizer que a humanidade se divide entre aquelas minorias que comem à tripa fora e aquelas maiores que se alimentam insuficientemente. Se agora quiséssemos universalizar o tipo de consumo dos países ricos para toda a humanidade, necessitaríamos, pelo menos, de três Terras, iguais a atual.

Este sistema pretendeu encontrar sua base científica na pesquisa do zoólogo britânico Richard Dawkins que há trinta e seis anos escreveu seu famoso O gene egoísta (1976). A nova biologia genética mostrou, entretanto, que esse gene egoísta é ilusório, pois os genes não existem isolados, mas constituem um sistema de interde-

pendências, formando o genoma humano que obedece a três princípios básicos da biologia: a cooperação, a comunicação e a criatividade. Portanto, o contrário do gene egoísta. Isso o demonstraram nomes notáveis da nova biologia como o prêmio Nobel Barbara McClintock, J. Bauer, C. Woese e outros. Bauer denunciou que a teoria do gene egoísta de Dawkins "não se funda em nenhum dado empírico". Pior, "serviu de correlato biopsicológico para legitimar a ordem econômica anglo-norte-americana" individualista e imperial (Das cooperativa Gen, 2008, p.153).

Disto se deriva que se quisermos atingir um modo de vida sustentável e justo para todos os povos, aqueles que consomem muito devem reduzir drasticamente seus níveis de consumo. Isso não se alcançará sem forte cooperação, solidariedade e uma clara autolimitação.

Detenhamo-nos nesta última, a autolimitação, pois é uma das mais difíceis de ser alcançada devido à predominância do consumismo, difundido em todas as classes sociais. A autolimitação implica numa renúncia necessária para poupar a Mãe Terra, para tutelar os interesses coletivos e para promover uma cultura da simplicidade voluntária. Não se trata de não consumir, mas de consumir de forma sóbria, soli-

dária e responsável face aos nossos semelhantes, à toda a comunidade de vida e às gerações futuras que devem também consumir.

A limitação é, ademais, um princípio cosmológico e ecológico. O universo se desenvolve a partir de duas forças que sempre se auto-limitam: as forças de expansão e as forças de contração. Sem esse limite interno, a criatividade cessaria e seríamos esmagados pela contração. Na natureza funciona o mesmo princípio. As bactérias, por exemplo, se não se limitassem entre si e se uma delas perdesse os limites, em bem pouco tempo, ocuparia todo o planeta, desequilibrando a biosfera. Os ecossistemas garantem sua sustentabilidade pela limitação dos seres entre si, permitindo que todos possam coexistir.

Ora, para sairmos da atual crise precisamos mais que tudo reforçar a cooperação de todos com todos, a comunicação entre todas as culturas e grande criatividade para delinear um novo paradigma de civilização. Há que darmos um adeus definitivo ao individualismo que inflacionou o "ego" em detrimento do "nós" que inclui não apenas os seres humanos mas toda a comunidade de vida, a Terra e o próprio universo.

Leonardo Boff

PASSEIO SOCRÁTICO

Aviador pelo Oriente, mantive contatos com monges do Tibete, da Mongólia, do Japão e da China. Eram homens serenos, comedidos, recolhidos, e em paz nos seus mantos cor de açafrão...

Em outro dia, eu observava o movimento do Aeroporto de São Paulo: a sala de espera estava cheia de Executivos com telefones celulares, preocupados, ansiosos, geralmente comendo mais do que deviam. Com certeza, já haviam tomado o seu café da manhã em casa; mas, como a companhia aérea oferecia outro café, todos comiam vorazmente.

Aquilo me fez refletir: "Qual dos dois modelos vistos por mim, até aqui, realmente produz felicidade?"

Passados alguns dias, encontrei Daniela, 10 anos, no elevador, às nove da manhã, e perguntei: "Não foi à aula?". E ela me respondeu: "Não. Eu só tenho aula à tarde". Comemorei: "Que bom! Isto significa, então, que, de

manhã, você pode brincar, ou dormir até mais tarde!..." "Não;", retrucou-me ela, "tenho tanta coisa a fazer, de manhã...". "Que tanta coisa?", perguntei. "Aulas de inglês; de balé; de pintura; piscina", e começou a elencar seu programa de garota robotizada...

Fiquei pensando: "Que pena! A Daniela não me disse: 'Tenho aula de meditação'. Vê-se que estamos construindo super-homens e super-mulheres, totalmente equipados, mas, emocionalmente infantilizados.

Uma progressista cidadã do interior de São Paulo tinha, em 1960, seis livrarias e uma academia de ginástica; hoje, tem sessenta academias de ginástica e três livrarias! Não tenho nada contra malhar o corpo... Mas, preocupo-me com a desproporção em relação à malhação do espírito. Acho ótimo, vamos todos morrer esbeltos. Alguns perguntaram "Como estava o defunto?". E outros responderão:

"Olha..., uma maravilha, não tinha uma celulite!"...

Mas, como fica a questão da subjetividade? Da espiritualidade? Da ociosidade amorosa?

Hoje, a palavra é virtualidade. Tudo é virtual. Trancado em seu quarto, em Brasília, um homem pode ter uma amiga "íntima" em Tóquio, sem nenhuma preocupação, porém, de conhecer o seu vizinho de prédio ou de quadra! Tudo é virtual. Somos místicos virtuais, religiosos virtuais, cidadãos virtuais. E somos também eticamente virtuais...

A palavra hoje é "entretimento". Domingo, então, é o dia nacional da imbecilização coletiva. Imbecil, quem vai lá e se apresenta no palco; imbecil, quem perde a tarde diante da telinha... E como a publicidade não consegue vender felicidade, ela nos passa a ilusão de que felicidade é o resultado da soma de prazeres: "Se tomar este refrigerante, cal-



çar este tênis, usar esta camisa, comprar este carro..., você chega lá!"

O problema é que, em geral, "não se chega"! Pois, quem cede a tantas propagandas desenvolve, de tal maneira, o seu desejo, que acaba precisando de remédios. E quem, ao contrário, resiste, aumenta a sua neurose.

O grande desafio é começar a ver o quanto é bom ser livre de todo esse condicionamento globalizante, neoliberal, consumista. Assim, pode-se viver melhor. Aliás, para uma boa saúde

mental três requisitos são indispensáveis: a amizade, a auto-estima, e a ausência de estresse.

Mas, há uma lógica religiosa no consumismo pós-moderno. Na Idade Média, as cidades adquiriam status construindo uma catedral; hoje, no Brasil, constrói-se um Shopping Center. É curioso: a maioria dos Shoppings Centers tem linhas arquitetônicas de catedrais estilizadas; neles, não se pode ir de qualquer maneira, é preciso vestir roupa de "missa de domingo". E ali dentro se sente uma sensação paradisíaca: não há mendigos, não há crianças de rua, não se vê sujeira pelas calçadas...

Entra-se naqueles claustros ao som do gregoriano pós-moderno: aquela musiquinha de esperar dentista. Observam-se vários nichos: capelas com os veneráveis objetos de consumo, acolitados por belas sacerdotisas. Quem pode comprar à vista, sente-se no reino dos céus. Mas, aquele que só

pode comprar passando cheque pré-datado, ou a crédito, ou, ainda, entrando no "cheque especial", se sente no purgatório. E pior: aquele que não pode comprar, certamente vai se sentir no inferno...

Felizmente, terminam todos na eucaristia pós-moderna, irmanados na mesma mesa, com o mesmo suco e o mesmo hambúrguer do McDonald...

Por tudo isto, costume dizer aos balconistas que me cercam à porta das lojas, que estou, apenas, fazendo um "passoio socrático". E, diante de seus olhares espantados, explico: "Sócrates, filósofo grego, também gostava de descansar a cabeça percorrendo o centro comercial de Atenas. Quando vendedores como vocês o assediavam, ele respondia: "Estou, apenas, observando quantas coisas existem e das quais não dependo para ser feliz!"

Frei Betto

EUCARISTIA NEM SEMPRE FOI MISSA OU SACRAMENTO

A lém da vigília pas-cal e observância dos sábados, que continuavam praticando à moda e ritos judaicos, os primeiros cristãos introduziram diversas outras reuniões. Por obediência ao preceito de Jesus "Fazei isso em minha memória" promoviam especialmente uma reunião com ceia comunitária, denominada então de eucaristia, quando colocavam em destaque os ensinamentos do Senhor, com orações de ação de graças (eu-xáris) sobre o vinho e o pão. De início, muito informalmente, em idioma local, sem cerimônia específica e ritos determinados, com espaço até para abusos. Paulo condena o procedimento da comunidade de Corinto de promover separadamente a ceia dos ricos e a dos pobres (1Cor 11,17-26).

A presidência da reunião ficava por conta de um líder natural, pessoa geralmente mais idosa (presbítero) escolhida pelo próprio grupo, sem exclusão de mulheres que lideravam determinadas comunidades. Por meados

do século III, para facilitar o encaminhamento da ceia eucarística nas comunidades menos letradas, alguns episcopos sentiram a utilidade de estabelecer determinadas leituras, normas e ritos para a ocasião, variando de uma região para outra, sem entender que a padronização fosse por exigência divina.

A certeza na presença do Senhor se baseava na promessa de que ele estaria realmente presente onde duas ou mais pessoas (não necessariamente cristãs) estivessem reunidas em seu nome, em qualquer lugar que fosse, sem necessidade de sacerdotes, templos e altares. De início não se tinha, como hoje, a noção de transubstanciação do pão e do vinho no corpo e sangue de Jesus, desenvolvida no final do primeiro e início do segundo milênio.

Serviço e poder

Com a oficialização do cristianismo como religião oficial do império romano, as atividades primitivas de bispos, presbíteros, diáconos e outros deixavam de ser mero serviço às comu-

nidades para se constituir em exercício de poder de uma classe hierárquica. Os templos e altares pagãos se transformaram em igrejas cristãs, os presbíteros e bispos passaram a sacerdotes ministeriais. As primitivas reuniões eucarísticas de confraternização e ação de graças se transformaram em cerimônia sacrificial presidida privatamente pelo clero, com exclusão definitiva dos leigos.

Não se tem informação exata de quando a eucaristia dos primeiros cristãos passou a se chamar missa. O certo é que onde não havia sacerdote deixou de existir eucaristia e ali a vida cristã entrou também em declínio.

Para sanar essa deficiência estrutural, igreja e dioceses investem, há séculos, no estímulo e formação de padres celibatários; porém não se dão conta de que a solução não está aí, nem tampouco na admissão ou readmissão dos casados ou na polêmica ordenação de mulheres que, em último caso só encobriam a mal disfarçada sobre-

vivência e interesse de uma classe clerical ampliada.

Depois de séculos de hegemonia clerical, a solução parece estar, antes, no estímulo à formação de pequenos grupos liderados e administrados por leigos atuantes. Certos da presença do Senhor entre eles,

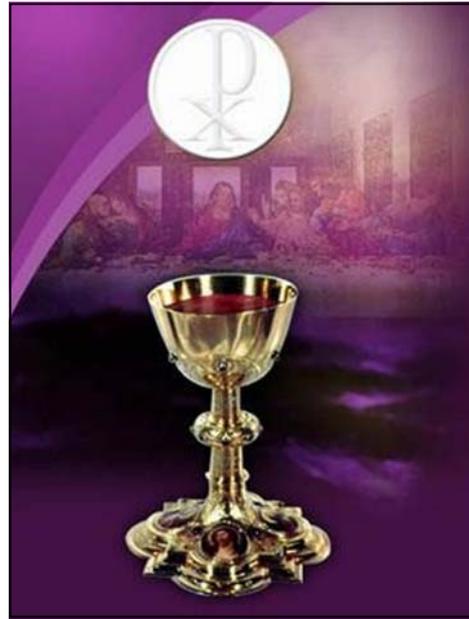
esses grupos precisam ter liberdade para refletir sobre a mensagem evangélica, orando juntos e celebrando a eucaristia em família ou grupo de amigos, de modo espontâneo e diversificado, como faziam as comunidades primitivas.

Pessoas capazes e dis-

postas para essa missão existem, hoje, mais do que no tempo dos apóstolos. Mas é preciso acreditar nelas e encorajá-las a agir com criatividade, responsabilidade e destemor. Para não invadir os templos, domínio privativo do clero com liturgias sempre engessadas, importa que os encontros eucarísticos de hoje não queiram imitar ou simular missa. Ser criativo, inovar procedimentos sem a mesmice de cerimônias, orações e ritos litúrgicos repetitivos. Dividir experiências com outros. Avaliar e divulgar resultados. Lembrar, sobretudo que a recomendação de Jesus "Fazei isso em minha memória" não se dirige só aos apóstolos, mas para todos os presentes, incluindo amigos, sua mãe e outras mulheres.

Restringir, hoje, o mandato de Jesus apenas ao clero no interior dos templos é impedir que o movimento de Cristo se desenvolva no mundo.

João Schmitt
Diretor da Editora Ser
e editor de Linha de Frente



COMO ENFRENTAR A SEXTA EXTINÇÃO EM MASSA

R eferimos-nos anteriormente ao fato de o ser humano, nos últimos tempos, ter inaugurado uma nova era geológica - o antropoceno - era em que ele comparece como a grande ameaça à biosfera e o eventual exterminador de sua própria civilização.

Há muito que biólogos e cosmólogos estão advertindo a humanidade de que o nível de nossa agressiva intervenção nos processos naturais está acelerando enormemente a sexta extinção em massa de espécies de seres vivos. Ela já está em curso há alguns milhares de anos. Estas extinções, misteriosamente, pertencem ao processo cosmogênico da Terra. Nos últimos 540 milhões de anos ela conheceu cinco grandes extinções em massa, praticamente uma em cada milhão de anos, exterminando grande parte da vida no mar e na terra. A última ocorreu há 65 milhões de anos quando foram dizimados os dinossauros entre outros.

Até agora todas as extinções eram ocasionadas pelas forças do próprio universo e da Terra a exemplo da queda de meteoros rasantes ou de convulsões climáticas. A sétima está sendo acelerada pelo



próprio ser humano. Sem a presença dele, uma espécie desaparecia a cada cinco anos. Agora, por causa de nossa agressividade industrialista e consumista, multiplicamos a extinção em cem mil vezes, diz-nos o cosmólogo Brian Swimme em entrevista recente no Enlighth Next Magazin, n.19. Os dados são estupefacentes: Paul Ehrlich, professor de ecologia em Stanford calcula em 250.000 espécies exterminadas por ano, enquanto Edward O. Wilson de Harvard dá números mais baixos, entre 27.000 e 1000.000 espécies por ano (R Bar-

bault, Ecologia geral 2011, p.318).

O ecólogo E. Goldsmith da Universidade da Georgia afirma que a humanidade ao tornar o mundo cada vez mais empobrecido, degradado e menos capaz de sustentar a vida, tem revertido em três milhões de anos o processo da evolução. O pior é que não nos damos conta desta prática devastadora nem estamos preparados para avaliar o que significa uma extinção em massa. Ela significa simplesmente a destruição das bases ecológicas da vida na Terra e a eventual interrupção de nosso ensaio civilizatório e

quicá até de nossa própria espécie. Thomas Berry, o pai da ecologia americana, escreveu: "Nossas tradições éticas sabem lidar com o suicídio, o homicídio e mesmo com o genocídio mas não sabem lidar com o biocídio e o geocídio" (Our Way into the Future, 1990 p.104).

Podemos desacelerar a sétima extinção em massa já que somos seus principais causadores? Podemos e devemos. Um bom sinal é que estamos despertando a consciência de nossas origens há 13,7 bilhões de anos e de nossa responsabilidade pelo futuro da vida. É o universo que suscita tudo isso em nós porque está a nosso favor e não contra nós. Mas ele pede a nossa cooperação já que somos os maiores causadores de tantos danos. Agora é a hora de despertar enquanto há tempo.

O primeiro que importa fazer é renovar o pacto natural entre Terra e Humanidade. A Terra nos dá tudo o que precisamos. No pacto, a nossa retribuição deve ser o cuidado e o respeito pelos limites da Terra. Mas, ingratos, lhe devolvemos com chutes, facadas, bombas e práticas ecocidas e biocidas.

O segundo é reforçar a reciprocidade ou a mutualidade: bus-

car aquela relação pela qual entramos em sintonia com os dinamis-mos dos ecossistemas, usando-os racionalmente, devolvendo-lhe a vitalidade e garantindo-lhe sustentabilidade. Para isso necessitamos nos reinventar como espécie que se preocupa com as demais espécies e aprende a conviver com toda a comunidade de vida. Devemos ser mais cooperativos que competitivos, ter mais cuidado que vontade de submeter e reconhecer e respeitar o valor intrínseco de cada ser.

O terceiro é viver a compaixão não só entre os humanos mas para com todos os seres, compaixão como forma de amor e cuidado. A partir de agora eles dependem de nós se vão continuar a viver ou se serão condenados a desaparecer. Precisamos deixar para trás o paradigma de dominação que reforça a extinção em massa e viver aquele do cuidado e do respeito que preserva e prolonga a vida. No meio do antropoceno, urge inaugurar a era ecozônica que coloca o ecológico no centro. Só assim há esperança de salvar nossa civilização e de permitir a continuidade de nosso planeta vivo.

Leonardo Boff

APENAS OBSERVANDO!!!

Ao viajar pelo Oriente, mantive contatos com monges do Tibete, da Mongólia, do Japão e da China. Eram homens serenos, comedidos, recolhidos e em paz nos seus mantos cor de açafrão.

Outro dia, eu observava o movimento do aeroporto de São Paulo: a sala de espera cheia de executivos com telefones celulares, preocupados, ansiosos, geralmente comendo mais do que deviam.

Com certeza, já haviam tomado café da manhã em casa, mas como a companhia aérea oferecia um outro café, todos comiam vorazmente. Aquilo me fez refletir: "Qual dos dois modelos produz felicidade?"

Estamos construindo super-homens e super mulheres, totalmente equipados, mas emocionalmen-

te infantilizados.

Uma progressista cidadã do interior de São Paulo tinha, em 1960, seis livrarias e uma academia de ginástica; hoje, tem sessenta academias de ginástica e três livrarias!

Não tenho nada contra malhar o corpo, mas me preocupo com a desproporção em relação à malhação do espírito.

Acho ótimo, vamos todos morrer esbeltos: "Como estava o defunto?" "Olha, uma maravilha, não tinha uma celulite!"

A publicidade não consegue vender felicidade, então passa a ilusão de que felicidade é o resultado da soma de prazeres: "Se tomar este refrigerante, vestir este tênis, usar esta camisa, comprar este carro, você chega lá!"

O grande desafio é co-

meçar a ver o quanto é bom ser livre de todo o condicionamento.

Há uma lógica religiosa no consumismo pós-moderno. Na Idade Média, as cidades adquiriam status construindo uma catedral; hoje, constrói-se um shopping-center. É curioso: a maioria dos shoppings-centers tem linhas arquitetônicas de catedrais estilizadas; neles não se pode ir de qualquer maneira, é preciso vestir roupa de missa de domingo. E ali dentro sente-se uma sensação paradisíaca: não há mendigos, crianças de rua, sujeira pelas calçadas...

Entra-se naqueles claustros ao som do gregoriano pós-moderno, aquela musiquinha de esperar dentista.

Observam-se os vários nichos, todas aquelas capas com os veneráveis objetos de consumo, acolitados



por belas sacerdotisas. Quem pode comprar à vista, sente-se no reino dos céus. Deve-se passar che-

que pré-datado, pagar a crédito, entrar no cheque especial, sente-se no purgatório. Mas se não pode comprar, certamente vai se sentir no inferno... Felizmente, terminam todos na eucaristia pós-moderna, irmanados na mesma mesa, com o mesmo suco e o mesmo hambúrguer do Mc Donald...

Costumo advertir os balconistas que me cercam à porta das lojas: "Estou apenas fazendo um passeio socrático". Diante de seus olhares espantados, explico: "Sócrates, filósofo grego, também gostava de descansar a cabeça percorrendo o centro comercial de Atenas. Quando vendedores como vocês o assediavam, ele respondia: "Estou apenas observando quanta coisa existe de que não preciso para ser feliz!"

Frei Betto

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: CRÍTICA AO MODELO PADRÃO

Os documentos oficiais da ONU e também o atual borrador para a Rio+20 encamparam o modelo padrão de desenvolvimento sustentável: deve ser economicamente viável, socialmente justo e ambientalmente correto. É o famoso tripé chamado de Triple Bottom Line (a linha das três pilastras), criado em 1990 pelo britânico John Elkington, fundador da ONG Sustain Ability. Esse modelo não resiste a uma crítica séria.

Desenvolvimento economicamente viável: Na linguagem política dos governos e das empresas, desenvolvimento equivale ao Produto Interno Bruto (PIB). Ai da empresa e do país que não ostentem taxas positivas de crescimento anuais! Entram em crise ou em recessão com consequente diminuição do consumo e geração de desemprego: no mundo dos negócios, o negócio é ganhar dinheiro, com o menor investimento possível, com a máxima rentabilidade possível, com a concorrência mais forte possível e no menor tempo possível.

Quando falamos aqui de desenvolvimento não é qualquer um, mas o realmente existente que é aquele industrialista/capitalista/consumista. Este é antropocêntrico, contraditório e equivocado. Explico-me.

É antropocêntrico, pois está centrado somente no ser humano, como se não existisse a comunidade de vida (flora e fauna e outros organismos vivos) que também



precisa da biosfera e demanda igualmente sustentabilidade. É contraditório, pois, desenvolvimento e sustentabilidade obedecem a lógicas que se contrapõem. O desenvolvimento realmente existente é linear, crescente, explora a natureza e privilegia a acumulação privada. É a economia política de viés capitalista. A categoria sustentabilidade, ao contrário, provém das ciências da vida e da ecologia, cuja lógica é circular e includente. Representa a tendência dos ecossistemas ao equilíbrio dinâmico, à interdependência e à cooperação de todos com todos. Como se depreende: são lógicas que se autonegam: uma privilegia o indivíduo, a outra o coletivo, uma enfatiza a

competição, a outra a cooperação, uma a evolução do mais apto, a outra a co-evolução de todos interconectados.

É equivocado, porque alega que a pobreza é causa da degradação ecológica. Portanto: quanto menos pobreza, mais desenvolvimento sustentável haveria e menos degradação, o que é equivocado. Analisando, porém, criticamente, as causas reais da pobreza e da degradação da natureza, vê-se que resultam, não exclusivamente, mas principalmente, do tipo de desenvolvimento praticado. É ele que produz degradação, pois dilapida a natureza, paga baixos salários e gera assim pobreza.

A expressão desenvolvimen-

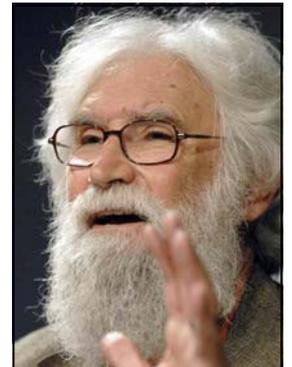
to sustentável representa uma armadilha do sistema imperante: assume os termos da ecologia (sustentabilidade) para esvaziá-los. Assume o ideal da economia (crescimento) mascarando, a pobreza que ele mesmo produz.

Socialmente justo: se há uma coisa que o atual desenvolvimento industrial/capitalista não pode dizer de si mesmo é que seja socialmente justo. Se assim fosse não haveria 1,4 bilhões de famintos no mundo e a maioria das nações na pobreza. Fiquemos apenas com o caso do Brasil. O Atlas Social do Brasil de 2010 (IPEA) refere que cinco mil famílias controlam 46% do PIB. O governo repassa anualmente 125 bilhões de reais ao sistema financeiro para pagar com juros os empréstimos feitos e aplica apenas 40 bilhões para os programas sociais que beneficiam as grandes maiorias pobres. Tudo isso denuncia a falsidade da retórica de um desenvolvimento socialmente justo, impossível dentro do atual paradigma econômico.

Ambientalmente correto: O atual tipo de desenvolvimento se faz movendo uma guerra irrefreável contra Gaia, arrancando dela tudo o que lhe for útil e objeto de lucro, especialmente, para aquelas minorias que controlam o processo. Em menos de quarenta anos, segundo o Índice Planeta Vivo da ONU (2010) a biodiversidade global sofreu uma queda de 30%. Apenas de 1998 para cá houve um salto de 35% nas emissões de gases de efeito estufa. Ao invés de falar-

mos nos limites do crescimento melhor faríamos falar nos limites da agressão à Terra.

Em conclusão, o modelo padrão de desenvolvimento que se quer sustentável, é retórico. Aqui e acolá se verificam avanços na produção de baixo carbono, na utilização de energias alternativas, no reflorestamento de regiões degradadas e na criação de melhores sumidouros de detritos. Mas reparemos bem: tudo é realizado desde que não se afetem os lucros, nem se enfraqueça a competição. Aqui a utilização da expressão "desenvolvimento sustentável" possui uma significação política importante: representa uma maneira hábil de desviar a atenção para a mudança necessária de paradigma econômico se quisermos uma real sustentabilidade. Dentro do atual, a sustentabilidade é ou localizada ou inexistente.



Leonardo Boff Adital

FALTA O BOBO NA CORTE DO PAPA

Na maioria das culturas, desde tempos imemoráveis, existe a figura do palhaço, que pode ter os mais diversos nomes: bobo, bufão, clown, tolo, idiota, ignorante, e muitos outros. Ao lado do rei, do imperador, do faraó, do sultão ou do presidente, esse bobo faz figura de ingênuo e ignorante. Mas não é bem assim, pois a figura sisuda, demasiadamente séria, do homem que representa a suprema autoridade e vive rodeado de um cerimonial repetitivo e enfadonho, necessita a seu lado a figura brincalhona que significa o limite, a fragilidade e a provisoriabilidade do poder. Um bom governo é composto de um rei e de um bobo: seriedade e senso de limite, sisudez e humor. A conjunção resulta em sabedoria e arte de governar.

Nos tempos do império romano, quando o imperador passava pelo arco do triunfo e recebia as supremas honras, o cerimonial exigia que houvesse a seu lado uma pessoa que lhe sussurrava continuamente no ouvido as seguintes palavras: 'memento mori' (lembre-se: você também é mortal). E na corte dos reis medievais, em meio às mais solenes sessões, o bobo da corte agitava de vez em quando, rindo e dançando, um espelho diante da face do rei, como para dizer: 'veja as besteiras que você está fazendo!'. Na literatura não falta a figura do bobo. Dom Quixote sempre sonha com os mais elevados ideais,



mas ele vai acompanhado de Sancho Pança que só pensa em 'sombra e água fresca'. Reis e rainhas das comédias de Shakespeare, Corneille e Racine, sempre têm seus (suas) 'confidentes', que

lhes dizem a verdade. E Dostojévski, quando quer contar a história de um homem realmente bom, o chama de 'idiota'. O bom governo necessita de idiotas. Eles são fundamentais para o bom anda-

mento da sociedade, pois, ao mesmo tempo em que incomodam, mostram os limites de tudo que se quer realizar na vida. Eles apontam para a sabedoria. Só um rei, imperador, sultão ou papa que se mostra capaz de escutar o bobo conquista a sabedoria e faz um bom governo. A bobagem é o caminho da sabedoria, a ironia o contrapeso da autoridade.

Os padres desobedientes da Áustria e da Irlanda bem que poderiam ser hoje os bobos da corte do Vaticano a lembrar que a boa vontade do papa não pode fazer com que ele feche os olhos diante da precariedade e dos limites de seu projeto. Da mesma forma os teólogos da libertação na América latina ou os teólogos desobedientes da Espanha. Mas parece que o papa atual não vê as coisas desse modo e isso constitui uma ameaça ao bom andamento da igreja. Em vez de procurar alguma centelha de verdade nas ideias desses padres, o papa fala em 'desobediência'. A impressão que algumas de suas declarações recentes deixam é que ele anda enxergando, em seu redor, sombras que assustam, armadilhas e armações, conciliábulos, sussurros nos cantos do palácio e nos imensos corredores. O psicólogo Jung nos ensina que essas impressões ameaçadoras bem poderiam ser expressões de desejos não confessáveis e sentimentos reprimidos. É nesse momento que se sente a falta do

saudável bobo da corte a trazer a realidade como ela é e lembrar que as coisas nem sempre são como a gente quer. Tudo, afinal, pode ser diferente. Quando alguns cardeais foram aconselhar o papa João XXIII a não convocar um concílio, pois tudo corria normalmente na igreja e seria uma despesa inútil, ele simplesmente se levantou e abriu uma janela da sala. Uma lufada de ar fresco penetrou nos sagrados recintos do Vaticano (que cheiram a mofo). Em plena sessão do Concílio Vaticano II, Dom Helder sonhou que, de repente, o imperador Constantino irrompia de cavalo na nave central da imensa basílica de São Pedro. Num outro sonho, igualmente saudável, ele se imaginou que o papa tinha ficado louco, jogou sua tiara no rio Tibre e dançava cantando pelas ruas de Roma.

Hoje, penso que, para ser um bom católico, há de se cultivar um pouco de saudável ironia. Ao me aproximar de teólogos da libertação da primeira geração, como Gustavo Gutiérrez, José Comblin e Juan Luís Segundo, sempre me impressionou seu espírito de humor. Eles sabiam relativizar e manter a esperança, eles cultivavam a ironia. Mas hoje estamos vivendo numa igreja à qual se aplica a palavra de Millôr Fernandes: 'para que ser o bobo da corte se o rei não tem espírito de humor?'.

Eduardo Hoornaert

TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

A "teologia da libertação" surgiu com Gustavo Gutiérrez, quando publicou sua obra. A magnífica obra da teologia da libertação inicialmente tende a apresentar uma dificuldade: enfoca principalmente os quadros da própria igreja, seus colaboradores mais diretos, bispos, padres, pastores, irmãs e irmãos de congregações. Inicialmente também a teologia da libertação é de quadros e não do povo. Sim, o livro de nosso querido Gustavo Gutiérrez é uma reflexão para os bispos e teólogos, e, a rigor, não tanto para o povo. Cita muitos autores europeus e franceses, situando-se ainda em parte, no âmbito da teologia "importada".

A reflexão popular ainda não iniciou, de verdade e com força. A reflexão é antes sobre o povo, mas não po-

pular. Assim, o livro da Teologia da libertação é tão espetacular quanto frágil. Penso que grande passo inovador e exemplar, culturalmente revolucionário é a segunda grande obra de Gustavo Gutiérrez: Teologia a partir dos pobres (1978). Essa reflexão completa a primeira e coloca a nova teologia em seu devido foco: os pobres como sujeitos teológicos.

Este enfoque implica numa maravilhosa conversão: a igreja precisa ouvir os pobres, mulheres, crianças e homens, para poder teologizar. Sem escuta não há libertação. Na teologia da libertação, em seu sentido profundo, a Igreja é aprendiz do caminho dos empobrecidos. Estes, os últimos, são de verdade os primeiros.

Entendo, pois, que nesta sua versão a partir de 1978, a teologia toda dá uma vira-

da, encontra seu eixo, sua tarefa própria, a de ser seguidora de Jesus nos caminhos das manjedouras e das cruzes, das vidas sofridas e destruídas de nossos países. Quem tem vida são as "vidas secas". Dá-se uma virada radical e definitiva na vida teológica latino-americana. Passa a experimentar-se que os pobres são eixo de tudo. Antes a Igreja modernizada e mundanizada, a do agiornamento, era o eixo de tudo. Em 1978, Gustavo Gutiérrez alcançou formular a grande inovação que é o que de verdade impacta: não se trata de modernizar a Igreja, mas de retornar às manjedouras.

Penso que estas luzes, que a teologia nos foi dizendo naqueles anos, continuam sendo nossas luzes. E o ciclo da teologia da libertação não está concluído, pois das luzes da

manjedoura da pobreza de Belém e do crucificado emerge a profundidade da vida. O desafio permanece. E este está delineado em Teologia a partir dos pobres. Os cânticos nascidos deste desvendamento teológico, desta coragem de ver a verdade cristológica carregam nossa vida de fé. Dia a dia, Jesus nos arranca da morte para que, com alegria, vivamos com nosso próximo, pobre e destituído da vida em nossa América Latina. Nas terras latino-americanas, não se pode viver sem ser militante de uma fé centrada nos pobres.

A crise na igreja de hoje se refere à tarefa pastoral. Sem coração pelo social, a pastoral esfarea-se, esmigalha, despedaça-se. Movimento eclesial nenhum faz jus às terras brasileiras, se

não tiver uma intuição social clara. Eis a crise das paróquias. Nelas, assim me parece, tende a esquecer-se de animar pessoas para a presença maciça nas periferias. Os pobres, aquele cinturão de empobrecidos que faz

aumentar os cinturões ao redor das cidades, continua sendo prioridade. Nas periferias, não pode faltar mão-de-obra pastoral.

Milton Schwantes
Teólogo e pastor luterano
www.unisinos.br



ONDE ESTÃO OS CRISTÃOS?

Bento 16 é um diplomata: na sua mensagem de Páscoa, o papa apelou ao fim dos confrontos na Síria. E, com cautelas mil, teve ainda uma palavra de preocupação pelos cristãos do mundo inteiro, que sofrem pela sua fé e são perseguidos pelas autoridades locais.

O papa fez bem em levantar o véu. Mas um leitor interessado nos pormenores sórdidos da vaga anticristã - nomes, números, crimes etc. - deve ler a edição pascal da revista "The Spectator". Que, dessa vez, dedica uma especial atenção aos cristãos do Oriente Médio. Primeira conclusão: os cristãos da zona não estão a gostar da "primavera árabe".

Pelo contrário: para muitos deles, a primavera virou inverno e a sobrevivência deixou de ser uma certeza. Conta a "Spectator": nos inícios do século 20, os cristãos árabes representavam 20% da população total. Hoje, andam pelos 5%.

Existem casos para todos os gostos. No Iraque, por exemplo, a invasão americana de 2003 encon-



tra uma comunidade robusta de 1,4 milhões de cristãos. Passaram-se quase dez anos e, em dez anos, aconteceu de tudo: a destruição de igrejas (70); a morte de fiéis (cerca de 1000); e a fuga de 800 a 900 mil do país. Hoje, dos 1,4 milhões iniciais, restarão uns 400 mil.

Na Síria, a situação não é melhor. Não apenas porque o país

está envolvido numa guerra civil "de fato"; mas porque os rebeldes islamitas aproveitam o momento de luta contra o regime de Bashar al-Assad para fazerem outro tipo de limpezas religiosas. Só em Homs, 50 mil cristãos foram expulsos da cidade nos últimos dois meses de confrontos. Um número impressionante?

Nem por isso. No Egito, e só em 2010, 200 mil cristãos deixaram as suas casas em Alexandria, Luxor ou no Cairo. Esses foram os afortunados. Os menos afortunados foram mortos na passagem do ano em Alexandria (21) ou na capital (mais 27).

Claro que, perante este quadro negro, há motivos de esperança.

Se os cristãos são perseguidos, massacrados ou expulsos dos países árabes, isso não significa que não encontrem abrigo na região. O leitor é capaz de adivinhar qual o pedaço do Oriente Médio onde a população cristã subiu 2.000% nas últimas seis décadas?

Se o leitor pensou na tolerante Gaza (ou na Cisjordânia), lamento desapontá-lo. Em Gaza, e desde 2007, metade da comunidade cristã também resolveu fazer as malas para não ter problemas com o Hamas. E, sobre a Cisjordânia, os 15% de cristãos estão hoje reduzidos a uns míseros 2%.

O país que tem servido de abrigo para a comunidade cristã é, acredite se quiser, Israel. Aliás, não apenas para os cristãos --mas para outras minorias perseguidas do Oriente Médio.

Eis o supremo paradoxo: Israel é um estado tão racista e intolerante que, na hora do aperto, é a escolha nº 1 das vítimas do racismo e da intolerância.

João Pereira Coutinho
Escritor e doutor português

MAÇONARIA E IGREJA

O Arcebispo de Porto Alegre Dom Dadeus Grings falou na Loja Maçônica Honra e Trabalho, onde estiveram representantes de diversas religiões.

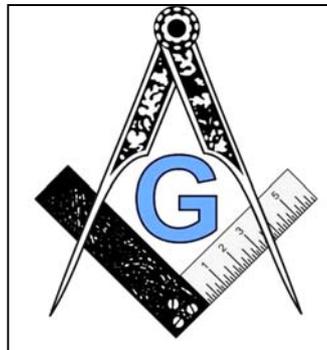
Em uma sessão magna pública realizada em 25/04/2011, na Loja Maçônica Honra e Trabalho, diversas pessoas da comunidade: o prefeito de Carazinho, Aylton Magalhães; o Grão Mestre do Grande Oriente do Rio Grande do Sul, José Firmino; o pároco da igreja Bom Jesus, João Gheno Neto e representantes de diversas religiões prestigiaram a palestra do arcebispo metropolitano de Porto Alegre, Dom Dadeus Grings. Após a abertura, realizada a portas fechadas, os convidados passaram por baixo de espadas para entrar no local. O mestre de cerimônias conduziu o arcebispo para abrir a Bíblia (Livro da Lei para os maçons). Ele convidou a todos para fazer uma reflexão sobre a Campanha da Fraternidade 2011, que fala sobre ecologia e tem como tema "Fraternidade e a Vida do Planeta".

A iniciativa de convidar Dom Dadeus partiu de Firmino. "É uma demonstração pública que maço-

naria e igreja são compatíveis. Tivemos um tempo de separação, mas estamos retomando esse passo importante, uma vez que a maçonaria é uma instituição filosófica e ao mesmo tempo religião. A Bíblia sempre é lida na loja maçônica e Dom Dadeus Grings está aqui nos dando à honra de falar sobre a visão maçônica-igreja. A ideia de trazer Dom Dadeus para Carazinho, também é do Luciano Feldmann", destaca Firmino.

Dom Dadeus começou sua explanação falando das quatro relações do ser humano. "A primeira é consigo mesmo; a segunda é com o mundo em que vivemos; a terceira é com as pessoas e a quarta é com Deus, que são conquistas. Se não funcionar o último, os outros também não estarão corretos", completa o arcebispo, dizendo que Deus diz e faz, ao contrário de muitos homens. "Os seres humanos às vezes falam e não fazem, enquanto que a palavra de Deus está criada, também através da natureza. Tanto que disse, para os que não acreditavam em suas palavras que olhassem suas obras", observa.

Em outro momento ele relata



sobre a industrialização que acabou interferindo na natureza. "Fizemos um mundo artificial, onde foram criadas dificuldades. Antigamente tudo era reaproveitado, hoje passamos a produzir mais lixo e tudo foi acumulando e não se transformando. Há anos foi calculado que existiam armas suficientes para destruir 25 vezes o Mundo, por isso ele corre risco, seja através da arma seja através do lixo", lamenta.

APROXIMAÇÃO ENTRE IGREJA E MAÇONARIA

Para o arcebispo a aproximação com a Maçonaria é resultado de uma época de diálogo. "Principalmente a partir do Concílio Vatica-



no, a igreja começou uma conversa com toda a sociedade. Então podemos dialogar com todas as entidades, que não é refutar o outro nem sucumbir à posição do outro, mas primeiro conhecer a diferença de cada grupo. Até porque não temos o mesmo pensamento de 50 anos atrás, pois de lá para cá muita coisa mudou. Na sociedade, temos muitas entidades que trabalham pelo bem comum, e vamos trabalhar juntos para que possamos somar, respeitando as diferenças", enfatiza. Sobre a palestra ele compara a situação do planeta a uma febre. "Percebemos a reação do planeta ao crescimento da tempe-

ratura, está com febre. Então o que fazer? Devemos saber o que está acontecendo, ver qual é a nossa culpa como seres humanos, onde temos recursos enormes para trabalhar o universo. Primeiro, temos que conscientizar a nossa população e todas as entidades que trabalham nesse campo são convidados a participar desse grande debate", destaca.

Ao final da palestra, Dom Dadeus foi presenteado com a miniatura do Bombeador (um dos símbolos de Carazinho).

Após, todos os presentes participaram de um jantar de confraternização.



Associação Rumos

Movimento Nacional das Famílias dos Padres Casados

www.padrescasados.org

O QUE ESTÁ ACONTECENDO COM O CATOLICISMO?

O diagnóstico

Hoje circulam, principalmente na internet, muitas mensagens que afetam a igreja católica, principalmente acerca de escândalos (verdadeiros ou falsos) como a pedofilia de padres, brigas de poder dentro da cúria romana, sacerdotes que se opõem à atual política de Roma (na Áustria, na Irlanda, na Espanha, por exemplo), homossexualidade na igreja etc. Recebi até um noticiário acerca de um suposto complô para matar o papa, ainda este ano.

Neste trabalho não pretendo comentar essas mensagens. Prefiro convidar você a cavar mais fundo para que compreendamos melhor o sentimento de mal-estar que atinge principalmente os católicos mais esclarecidos, um sentimento de perda e insegurança, insatisfação e até frustração com os rumos que a igreja católica está tomando. Será que ela não está mais correspondendo ao que a sociedade de hoje está precisando? Eis a questão.

Um conhecido historiador inglês do século XX, Arnold Toynbee (1889-1975), depois de estudar o surgimento e desaparecimento de 21 civilizações ao longo da história da humanidade (veja seu livro 'Um estudo da história', Martins Fontes, São Paulo, 1986), chegou a uma conclusão que nos interessa aqui: uma instituição histórica que não consegue mais responder à altura aos desafios do tempo em que atua, está inevitavelmente condenada a desaparecer do palco histórico. É a famosa lei do 'desafio e resposta'. Cedo ou tarde, uma instituição que não consegue mais 'responder' à altura das expectativas, será substituída por outra que demonstra maior capacidade.

Penso que essa lei se aplica ao catolicismo de hoje: ele não consegue mais corresponder aos desafios da sociedade. O problema não é novo, mas vem se agravando progressivamente. Houve grandes erros no passado que já permitiram vislumbrar um descompasso sempre mais acentuado entre sociedade e igreja. Aqui na América latina, já no início do século XIX, Roma não foi capaz de enxergar a importância dos movimentos de independência política que agitavam os países de língua espanhola. A falta de apoio da igreja católica a libertadores nacionalistas como Simon Bolívar foi um erro histórico que resultou num descrédito que permanece até hoje, entre as classes dirigentes da América latina. Os bispos continuaram a recomendar 'obediência' a um detestável regime colonial espanhol de exploração e só enxergaram as potencialidades das novas repúblicas bolivarianas (principalmente Venezuela, Equador, Bolívia)



quando era tarde demais. Algo parecido aconteceu com a abolição da escravidão africana no Brasil. O deputado brasileiro Joaquim Nabuco viajou a Roma para pedir o apoio do papa a favor da libertação dos escravos brasileiros, mas não foi atendido. A luta pela abolição, no Brasil, não contou com o apoio dos padres católicos. Nabuco, assim como os demais abolicionistas, se viu na obrigação de apelar para a maçonaria. Os primeiros abolicionistas brasileiros eram maçons, pessoas suspeitas aos olhos dos católicos. Desse modo, o Brasil, o 'primeiro país católico do mundo', foi paradoxalmente o último a abolir a escravidão (só em 1888). Isso constitui um exemplo claro de descompasso entre igreja e sociedade.

Não seria difícil evocar aqui muitos outros casos em que o catolicismo perdeu 'o trem da história'. Limite-me a comentar um movimento particularmente importante, até hoje não corretamente analisado em ambientes católicos. Trata-se da revolução feminina dos anos 1960. Após séculos de silêncio e submissão, a mulher finalmente rompeu com o passado. Ela não fez isso com grandes discursos ou declarações de princípios, mas por meio de um controle exercido sobre seu próprio corpo. Quando, em 1961, a pílula contraceptiva oral finalmente foi liberada pelas autoridades de saúde pública dos Estados Unidos, mulheres do mundo inteiro ingeriram com entusiasmo a nova pílula. Finalmente, era possível controlar os ritmos das energias procriativas de seu corpo. O sucesso da pílula já dura 50 anos, de forma ininterrupta. Hoje, no mundo inteiro, cerca de cem milhões de mulheres recorrem à pílula ou a outros métodos contraceptivos (camisinha, dispositivo intra-uterino, diafragma, diversos produtos espermicidas). Numa conferência realizada em Cairo no

ano 1994, a Organização das nações unidas (ONU), declarou oficialmente que o planejamento familiar colabora com a saúde e o bem-estar da mulher, dos filhos e da família. 'Eis uma revolução de dimensões planetárias', exclama Rose Marie Muraro em seu livro 'Diálogo para o futuro' (Cultrix, São Paulo, 2008). Agora, a mulher entra no mercado de trabalho ao lado do homem, seu corpo não pertence mais à fatalidade dos ciclos da procriação e se liberta da vontade do homem. Apífula inaugura um tempo novo, não só para a mulher, mas para a sociedade como um todo. As relações de gênero e trabalho transformam a sociedade em profundidade. O mundo se torna melhor. Por isso se pode dizer que a revolução da mulher é a maior revolução do século XX.

Onde fica a igreja católica nesse debate? Será que ela se alegra com a libertação da mulher e a maior felicidade das famílias? Ou continua apeçada a opiniões emitidas séculos atrás por teólogos que não conheceram os avanços da medicina de nosso tempo? De qualquer modo, temos de assistir hoje ao triste espetáculo da adesão de largos setores do catolicismo à 'frente única' de igrejas fundamentalistas contra qualquer tratamento político sério e responsável em relação ao aborto.

O quadro, realmente, não é nada animador. Mesmo assim, temos de ressaltar que existe esperança, pois, já nos anos 1950, houve no vaticano um homem que fez um diagnóstico certo do descompasso entre as orientações da igreja católica e os rumos de nossas sociedades. Quando Ângelo Roncalli chegou a ser eleito papa em 1958 e adotou o nome João XXIII, ele mostrou logo que entendeu o desafio do tempo. Apenas um ano depois de eleito, o velho papa (já beirando os 80 anos) sacudiu o velho edifício do catolicismo com a convocação de uma

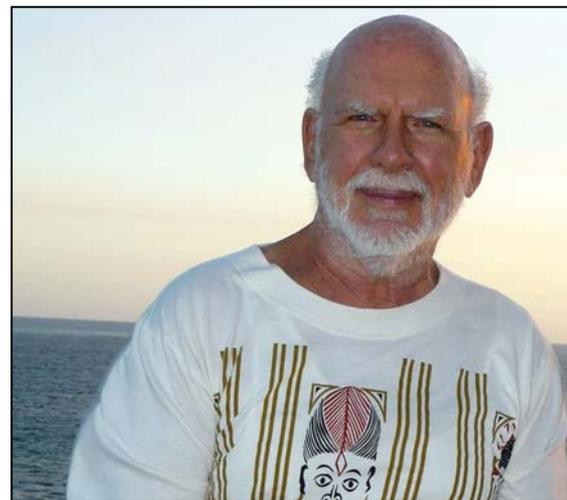
reunião geral dos bispos do mundo inteiro para discutir os rumos da igreja. O espanto foi geral, principalmente entre os cardeais e os homens da cúria romana. Mas o papa não se deixou intimidar e, entre 1959 e 1962, preparou como paciência e obstinação o concílio Vaticano II. Ele falou em 'aggiornamento' (ajustamento, atualização) e 'sinais dos tempos', palavras que indicam seu diagnóstico: há um descompasso entre igreja e sociedade. A grande maioria dos bispos participou do concílio Vaticano II sem entender de que se tratava no fundo. Um dos poucos que entenderam o pensamento do papa foi Dom Helder Câmara, que começou suas cartas circulares conciliares com as seguintes palavras: 'o concílio será difícilimo' (As cartas circulares conciliares de Dom Helder foram publicadas pela Companhia Editora de Pernambuco (CEPE), Recife, em 2009 em 3 tomos. Cito aqui o tomo 1, p. 1)

Hoje, cinquenta anos após o início do concílio Vaticano II, a caruagem católica continua na lenta rotina de sempre. Só se percebe um intenso controle, exercido pelo vaticano sobre qualquer pensamen-

to divergente. Parece que Roma fica satisfeita enquanto os católicos continuam assistindo à missa de defuntos, batizados e casamentos, pois os homens do vaticano só se manifestam quando surge alguma voz discordante, capaz de derrubar essas velhas práticas. O importante é que o ritmo de missas e sacramentos continue e, desse modo, o edifício católico possa ficar em pé, sustentado por seu próprio peso histórico.

Na sociedade, muitos percebem hoje o que o papa João XXIII percebeu em 1959: o catolicismo perdeu muito do poder de atração que exercia antes. A igreja não inspira mais projetos novos e se torna sempre mais reacionária e fundamentalista. Só uns poucos obstinados têm a coragem de desconstruir o que não serve mais e construir algo de novo. São eles que sabem que tudo que o homem constrói fica velho com o tempo e tem de ser adaptado, senão fica obsoleto. O projeto católico já viveu grandes tempos, mas seria um erro pensar que ele é eterno. Assim como a vida humana é imperfeita e passageira, do mesmo modo a vida das estruturas. O catolicismo é uma construção histórica que, decerto, teve seus bons tempos e fez muitos benefícios à humanidade. Mas, depois de séculos de sucesso, encontrou na mentalidade moderna um problema insolúvel e insuperável. Diante disso, o bom senso recomenda abraçar o que é bom no pensamento moderno e construir algo novo, ficar de braços abertos diante das novidades que a sociedade de hoje está construindo. E para que fiquemos mais seguros nesse ponto, vamos, numa próxima reflexão, nos aprofundar nas causas históricas profundas do atual mal-estar católico. Aguardem, pois, a continuação destas considerações.

Eduardo Hoornaert
e.hoornaert@yahoo.com.br



PROBLEMA DO VATICANO COM OS PADRES QUE SÃO PAIS

Gabino Zavala está longe de ser o primeiro sacerdote com filhos. A Igreja Católica tem lutado com o celibato durante séculos

Gabino Zavala, bispo auxiliar da arquidiocese católica de Los Angeles por quase 18 anos, tem uma família secreta. A existência de seus dois filhos adolescentes foi considerada como "causa grave", conforme definido pela Canon 401 do Código de Direito Canônico, e ele foi obrigado a renunciar.



Memórias de outros casos notáveis reaparecem: o escândalo Eamon Casey do início dos anos 90, quando se revelou que ele era pai de uma criança de dois anos, antes de sua nomeação episcopal, levou à sua renúncia como bispo de Galwa.

O caso mais recente do fundador dos Legionários de Cristo, o padre Marcial Maciel, que tinha até seis filhos.

Na verdade, a igreja tem lutado com o problema de "Padres que são pais" durante séculos.

Os filhos de padres católicos têm historicamente apresentado um duplo problema para a Igreja de Rito Latino: a falta do padre-pai de conformidade com a exigência de celibato, e também o encargo financeiro para seu empregador. De fato, em declaração sobre o caso Zavala, seu superior, o arcebispo José Gomez, privilegiou a "assistência espiritual" que a arquidiocese estendeu à família secreta do bispo, e não um "financiamento para ajudar os filhos com os custos da faculdade".

Esta preocupação com a propriedade tem caracterizado a abordagem da Igreja ao longo dos séculos. Desde o século 11 os filhos de sacerdotes suportaram o pecado de seus pais. Concílios da Igreja declararam que os filhos dos sacerdotes teriam o status de servos. Mas os filhos dos sacerdotes faziam reivindicações sobre a propriedade de seus pais.

Vários papas e bispos não foram exemplo para o clero comum e



Papa Alexander VI, pai de 10 filhos

tiveram filhos. Júlio II, patrono famoso de Michelangelo, foi pai de três filhas, enquanto ele era cardeal. Paulo III e Pio IV tinham quatro e três filhos, respectivamente, antes de suas eleições como pontífices. Anteriormente, no século 10, Lombard historiador e bispo de Cremona, falou da paternidade do Papa João XI com uma menina de 15 anos. Mas o recorde de paternidade papal parece ter sido Alexandre VI, o papa Borgia, que teve quatro filhos (incluindo Cesare e

Lucrezia) com sua amante aristocrática Vannozza Catanei, e mais seis outros, alguns supostamente nascidos durante seu pontificado. Não ter filhos foi puramente um ideal, e não um modo de vida, no Vaticano, durante décadas.

Atualmente estima-se que cerca de mil pessoas na Grã-Bretanha e Irlanda são filhos de padres católicos. Histórias dolorosas de rejeição, abandono e negligência financeira e emocional abundam ao longo da história da igreja.

BRASIL: DE EMPRESA INTERNACIONALIZADA A UMA SOCIEDADE BIOCENTRADA

Há interpretações clássicas sobre a formação da nação-Brasil. Mas esta do cientista político Luiz Gonzaga de Souza Lima é seguramente singular e adequada para entender o Brasil no atual processo de globalização: A Refundação do Brasil: rumo a uma sociedade biocentrada (Rima, São Carlos 2011). Seu ponto de partida é o fato brutal da invasão e expropriação das terras brasileiras pelos "colonizadores" à base da escravidão e da superexploração da natureza.

Não vieram para fundar aqui uma sociedade, mas para montar uma grande empresa internacional privada, uma verdadeira agroindústria, destinada a abastecer o mercado mundial. Ela resultou da articulação entre reinos, igrejas e grandes companhias como a das Índias Ocidentais, Orientais, a Holandesa (de Maurício de Nassau), com navegadores, mercadores, banqueiros, não esquecendo as vanguardas modernas, dotadas de espírito de aventura e de novos sonhos, buscando novos conhecimentos e enriquecimento rápido.

Ocupada a terra, para cá foram trazidas matrizes (cana de açúcar e depois café), tecnologias modernas para a época, capitais e escravos africanos. Todos eram considerados "peças" a serem compradas no mercado e como carvão a ser consumido nos engenhos de açúcar.

Com razão afirma Souza Lima: "o resultado foi o surgimento de uma formação social original e desconhecida pela humanidade até aquele momento, criada unicamente para servir à economia; no Brasil nasceu o que se pode chamar de 'formação social empresarial'".

A modernidade no sentido da utilização da razão produtivista, da vontade de acumulação ilimitada e da exploração sistemática da natureza, da criação de vastas populações excluídas, nasceu no Brasil e na América Latina. O Brasil, neste sentido, é novo e moderno desde suas origens.

A Europa só pôde fazer a sua revolução, chamada de modernidade, com seu direito e instituições democráticas, porque foi sustentada pela rapinagem brutal feita nas colônias. Com a independência política do Brasil, a formação social empresarial não mudou sua natureza. Todos os impulsos de desenvolvimento ocorridos ao longo de nossa história, não conseguiram diluir o caráter dependente e associado que resulta da natureza empresarial de nossa conformação social. A tendência do capital mundial global ainda hoje é tentar transformar nosso eventual futuro em nosso conhecido passado. Ao Brasil cabe ser o grande fornecedor de commodities para o mercado mundial, sem ou com parca tecnologia e valor agregado.



A empresa Brasil é a categoria-chave, segundo Souza Lima, para se entender a formação histórica do Brasil e o lugar que lhe é assinalado no processo atual de globalização desigual.

O desafio consiste em gerar um outro software social que nos seja adequado, que nos desenhe um futuro diferente. A inspiração vem de algo bem nosso: a cultura brasileira. Ela foi elaborada pelos escravos e seus descendentes, pelos indígenas que restaram, pe-

los mamelucos, pelos filhos e filhas da pobreza e da mestiçagem. Gestaram algo singular, não desejado pelos donos do poder que sempre os desprezaram e nunca os reconheceram como sujeitos e filhos e filhas de Deus.

O que se trata agora é refundar o Brasil, "construir, pela primeira vez, uma sociedade humana neste território imenso e belo; é habitá-lo, pela primeira vez, por uma sociedade humana de verdade, o que nunca ocorreu em toda a era mo-

derna, desde que o Brasil foi fundado como uma empresa; fundar uma sociedade é o único objetivo capaz de salvar nosso povo". Trata-se de passar do Brasil como Estado economicamente internacionalizado para o Brasil como sociedade biocentrada.

Ao refundar-se como sociedade humana biocentrada, o povo brasileiro deixará para trás a modernidade apodrecida pela injustiça e pela ganância e que está conduzindo a humanidade para um abismo. Não obstante, esta modernidade entre nós, bem ou mal, nos ajudou a forjar uma infra-estrutura material que pode permitir a construção de uma biocivilização que ama a vida em todas as suas formas, que convive pacificamente com as diferenças, dotada de incrível capacidade de integrar e de sintetizar os mais diferentes dados e valores.

É neste contexto que Souza Lima associa a refundação do Brasil às promessas de um mundo novo que deve suceder a este que está agonizando, incapaz de projetar qualquer horizonte de esperança para a humanidade. O Brasil poderá ser um nicho gerador de novos sonhos e da possibilidade real de realizá-los em harmonia com a Mãe Terra e aberto a todos os povos.

Leonardo Boff.
www.desacato.info

O PAPA E AS INTRIGAS NO VATICANO

Dizia-me uma vez em Bruxelas, admirado e pesaroso, um ilustre teólogo da Universidade de Lovaina (Joseph Ratzinger até o cita num dos seus livros sobre Jesus de Nazaré; não é herege): "Como é que foi possível o movimento desencadeado por Jesus, essa figura simples e amigável dos pobres, que acabou crucificado, desembocar no Vaticano, com um Papa chefe do Estado?"

Entende-se, quando se estuda a História, mas é preciso reconhecer a tremenda ambiguidade da situação e o perigo constante de traição da mensagem cristã.

Hoje, concretamente, como já aqui chamei a atenção, citando o livro de Hans Küng, *Ist die Kirche noch zu retten?* (A Igreja ainda tem salvação?), a Igreja Católica, a maior, a mais poderosa, a mais internacional Igreja, essa grande comunidade de fé, está "realmente doente", "sofre do sistema romano de poder", que se caracteriza pelo monopólio da verdade, pelo juridicismo e clericalismo, pelo



medo do sexo e da mulher, pela violência espiritual.

Ora, a Igreja não pode entender-se como um aparelho de poder ou uma empresa religiosa; só como povo de Deus e comunidade do Espírito nos diferentes lugares e no mundo. O papado não tem de desaparecer, mas o Papa não pode ser visto como "um autocrata espiritual", antes como o bispo que tem o primado pastoral, vinculado colegialmente com os outros bispos.

A Igreja tem de fortalecer as suas funções nucleares: oferecer aos homens e mulheres de hoje a mensagem cristã, de modo compreensível,

sem arcaísmos nem dogmatismos escolásticos, e celebrar os sacramentos, sem esquecer o dever de assumir as suas responsabilidades sociais, apresentando à sociedade, sem partidarismos, opções fundamentais, orientações para um futuro melhor.

Não se trata de acabar com a Cúria Romana, mas de reformá-la segundo o Evangelho. Essa reforma implica humildade evangélica (renúncia a títulos

como: Monsignori, Excelências, Reverências, Eminências...), simplicidade evangélica, fraternidade evangélica, liberdade evangélica. E é necessário mais pessoal profes-



sional, acabando com o favoritismo. De fato, esta Igreja é altamente hierarquizada e ao mesmo tempo caótica. Quem manda no Vaticano?

"Conselheiros independentes haverá poucos." Precisa-se de transparência nas finanças da Igreja.

Acima de tudo e em primeiro lugar, é preciso voltar a Jesus Cristo, ao que ele foi, é, quis e quer. De fato, em síntese, a Igreja é a comunidade dos que acreditam em Cristo: "A comunidade dos que se entregaram a Jesus Cristo e à sua causa e a testemunham com energia como esperança para o mundo. A Igreja torna-se crível,

se disser a mensagem cristã não em primeiro lugar aos outros, mas a si mesma e, portanto, não pregar apenas, mas cumprir as exigências de Jesus. Toda a sua credibilidade depende da fidelidade a Jesus Cristo."

Problema maior é a Cúria. O cardeal Walter Kasper, referindo o atual péssimo clima no Vaticano, que causa "confusão" entre os fiéis, disse que Bento XVI anda "muito triste". E tem razões para isso. O paradoxo é este: o papado é a última monarquia absoluta do Ocidente, mas o Papa não controla a Cúria. Duas cartas do nuncio apostólico nos Estados

Unidos denunciam corrupção ao mais alto nível no Vaticano. Agora, em finais de pontificado, começaram já as intrigas maquiavélicas e as lutas pelo poder, no sentido de manobrar a sucessão, tendo-se chegado até a falar numa conspiração para matar o Papa.

Neste contexto, o Papa lembrou, no passado Sábado, aos novos cardeais que "domínio e serviço, egoísmo e altruísmo, posse e dádiva, interesse próprio e generosidade: estas lógicas profundamente opostas confrontam-se em todas as épocas e em todos os lugares. E não há dúvida nenhuma sobre a via escolhida por Jesus". Reafirmou que "renunciem ao estilo mundano de poder e de glória". "O serviço de Deus e a doação de si são a lógica da fé, que está em contradição com o estilo mundano".

Desculpem, Reverências e Eminências, mas a Igreja não vai com púrpura, barretes cardinalícios e intrigas de poder. Só com o Evangelho.

Ansem Borges
www.dn.pt/Common

DITADURA ECONÔMICA

A pobreza já afeta 115 milhões de pessoas nos 27 países da União Europeia. Quase 25% da população. E ameaça mais 150 milhões de habitantes.

Na Espanha, a taxa de desemprego atinge 22,8%. Grécia e Itália encontram-se sob intervenção branca, governadas por primeiros-ministros indicados pelo FMI. Irlanda e Portugal estão inadimplentes. Na Bélgica e no Reino Unido, manifestações de rua confirmam que "a festa acabou".

Agora, o Banco Central da União Europeia quer nomear, para cada país em crise, um interventor de controle orçamentário. É a oficialização da ditadura econômica. O Reino Unido e a República Tcheca votaram contra. Porém, os outros 25 países da União Europeia aprovaram a medida. Resta saber se a Grécia, o primeiro na lista da ditadura econômica, vai aceitar abrir mão de sua soberania e entregar suas contas ao controle externo.

A atual crise internacional é muito mais profunda. Não se resume à turbulência financeira. Está em crise um paradigma civilizatório centrado na crença de que pode haver crescimento econômico ilimitado num planeta de recursos infinitos... Esse paradigma identifica felicidade com

riqueza; bem-estar com acumulação de bens materiais; progresso com consumismo.

Todas as dimensões da vida - nossa e do planeta - sofrem hoje acelerado processo de mercantilização. O capitalismo é o reino do desejo infinito atolado no paradoxo de se impor num planeta finito, com recursos naturais limitados e capacidade populacional restrita.

A lógica da acumulação é mais autoritária que todos os sistemas ditatoriais conhecidos ao longo da história. Ela ignora a diversidade cultural, a biodiversidade, e comete o grave erro de dividir a humanidade entre os que têm acesso aos recentes avanços da tecnologia, em especial biotecnologia e nanotecnologia, e os que não têm. Daí seu efeito mais nefasto: a acumulação ou posse da riqueza em mãos de uns poucos se processa graças à despossessão e exclusão de muitos.

A questão não é saber se o capitalismo sairá ou não da enfermaria de Davos em condições de sobrevivência, ainda que obrigado a ingerir remédios cada vez mais amargos, como suprimir a democracia e trocar o voto popular pelas agências de avaliação econômica, e os políticos por executivos financeiros, como ocor-



reu agora na Grécia e na Itália.

A questão é saber se a humanidade, como civilização, sobreviverá ao colapso de um sistema que associa cidadania com posse e civilização com paradigma consumista anglo-saxônico.

Estamos às vésperas da Rio+20. E ninguém ignora que esta casa que habitamos, o planeta Terra, sofre alterações climáticas surpreendentes. Faz frio no verão e calor no inverno. Águas estão contaminadas, florestas devastadas, alimentos envenenados por agrotóxicos e pesticidas.

O resultado são secas, inundações, perda da diversidade genéti-

ca, solos desertificados... Há na comunidade científica consenso de que o efeito estufa e, portanto, o aquecimento global, resulta da ação deletéria do ser humano.

Todos os esforços para proteger a vida no planeta têm fracassado até agora. Em Durban, em dezembro de 2011, o máximo que se avançou foi a criação de um grupo de trabalho para negociar um novo acordo de redução do efeito estufa... a ser aprovado em 2015, e colocado em prática em 2020!

Enquanto isso, o Departamento de Energia dos EUA calculou que, em 2010, foram emitidas 564 milhões de toneladas de gases de

aquecimento global. Isto é, 6% a mais do que no ano anterior.

Por que não se consegue avançar? Ora, a lógica mercantil impede. Basta dizer que os países do G8 propõem: não salvar a vida humana e do planeta, mas criar um mercado internacional de carbono ou energia suja, de modo a permitir aos países desenvolvidos comprar cotas de poluição não preenchidas por outros países pobres ou em desenvolvimento.

E o que a ONU tem a dizer? Nada, porque não consegue livrar-se da prisão ideológica da lógica do mercado. Propõe, portanto, à Rio+20 uma falácia chamada "Economia Verde". Acredita que a saída reside em mecanismos de mercado e soluções tecnológicas, sem alterar as relações de poder, reduzir a desigualdade social e criar um mundo ambientalmente sustentável no qual todos tenham direito ao bem-estar.

Os donos e grandes beneficiários do sistema capitalista - 10% da população mundial - abocanharam 84% da riqueza global e cultivam o dogma da imaculada concepção de que basta limar os dentes do tubarão para que ele deixe de ser agressivo...

Frei Betto
Adital

EU SOU RIQUÍSSIMO (A)



"Tenho a intenção de processar a revista "Fortune", porque fui vítima de uma omissão inexplicável. Ela publicou uma lista dos homens mais ricos do mundo e, nesta lista, eu não apareço. Aparecem: o sultão de Brunei, os herdeiros de Sam Walton e Mori Takichiro.

Incluem personalidades como a rainha Elizabeth da Inglaterra, Niarkos Stavros, e os mexicanos Carlos Slim e Emilio Azcarraga.

Mas eu não sou mencionado na revista.

E eu sou um homem rico, imensamente rico. E vou mostrar a vocês: Eu tenho vida, que eu recebi não sei porquê; e saúde, que consigo não sei como.

Eu tenho uma família, esposa adorável, que ao me entregar sua vida me deu o melhor para a minha; meus filhos maravilhosos dos quais só recebi felicidades, netos com os quais pratico

uma nova e boa paternidade.

Eu tenho irmãos que são como meus amigos, e amigos que são como meus irmãos. Tenho pessoas que sinceramente me amam, apesar dos meus defeitos, e a quem amo apesar dos meus defeitos.

Tenho quatro leitores a cada dia para agradecer-lhes porque eles lêem o que eu mal escrevo.

Eu tenho uma casa, e nela muitos livros (minha esposa iria dizer que tenho muitos livros e entre eles uma casa).

Eu tenho um pouco do mundo na forma de um jardim, que todo ano me dá maçãs que iriam reduzir ainda mais a presença de Adão e Eva no Paraíso.

Eu tenho um cachorro que não vai dormir até que eu chegue, e que me recebe como se eu fosse o dono dos céus e da terra.

Eu tenho olhos que

vêm e ouvidos para ouvir, pés para andar e mãos que acariciam; cérebro que pensa coisas que já ocorreram a outros, mas que para mim não haviam ocorrido nunca.

Eu sou a herança comum dos homens: alegrias para apreciá-las e compaixão para irmanar-me aos irmãos que estão sofrendo.

E eu tenho fé em Deus que vale para mim amor infinito.

Pode haver riquezas maiores do que a minha?

Por que, então, a revista "Fortune" não me colocou na lista dos homens mais ricos do planeta?"

E você, como se considera? Rico ou pobre?

Há pessoas pobres, mas tão pobres, que a única coisa que possuem é ... DINHEIRO!

Armando Fuentes Aguirre (Catón)
jornalista mexicano.

VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA. APOSENTADORIA PRECOCE

A crise da Vida Religiosa Consagrada (VRC) vem ganhando espaço crescente tanto em cursos, encontros e seminários, quanto nas publicações especializadas. Normalmente o acento das análises recai sobre a falta de vocações, por uma parte, e a falta de testemunho dos religiosos/as, por outra. Isso sem esquecer o contexto mais amplo da sociedade moderna ou pós-moderna.

Talvez seja conveniente acrescentar um terceiro fator, que podemos batizar de "aposentadoria precoce" com respeito à missionariedade. Religiosos e religiosas, em geral, iniciam sua vida consagrada com grande vigor e entusiasmo. Dedicam-se à missão com asas nos pés e fogo no coração. Mas essa paixão inicial parece ter prazo de validade. Pode rapidamente enfraquecer, definir e se apagar. A que se deve semelhante desencanto?

Dois razões me parecem preponderantes. De início, o abandono do "primeiro amor" (Ap 2,4). A rotina da oração mecânica, ou a carência pura e simples da intimidade com Deus, desestimula o ardor missionário. A chama se esfria e se extingue. Quanto mais longe de Deus, mais o religioso/a se distanciará do desafio da evangelização. "Já estou chegando e batendo à porta: quem ouvir minha voz e abrir, eu entro em sua casa e janto com ele, e ele comigo" (Ap 3,20). Sem a frequência dessa refeição, as energias não se renovam. A missão pressupõe a oração, a meditação e a contemplação.

A segunda razão do desencanto reside no menosprezo pela vida comunitária. Um grupo que comunga o mesmo carisma, mora debaixo do mesmo teto, come e reza em comum se nutre de força redobrada. A verdadeira vida fraterna não soma valores, multiplica-os. Tal convivência é combustível indispensável para relançar-se ao caminho. O ambiente da casa e da mesa, simbolicamente, constitui uma retaguarda que mantém vivo e ativo o missionário.



Sem esse calor humano e familiar, o religioso/a não irá muito longe. As atividades, o fracasso e os reveses da missão acabam por dobrar-lhe os ombros e vergar-lhe as pernas. Breve o desânimo ser-lhe-á o único companheiro.

Esses dois fatores, combinados, conduzem quase que impreterivelmente à aposentadoria precoce. A sede resseca a alma e obscurece o espírito. Um corpo sem alma nem espírito é um corpo sem vida. Pode fazer muitas coisas, calcular, raciocinar, aumentar a produtividade, mas perde o sabor secreto do mistério. Em sua ação missionária, a Boa Nova de Jesus Cristo carecerá de alegria e vibração. Sem essa magia contagiosa, tanto o agente quanto o destinatário se acomodam. Falta-lhes a seiva que rejuvenesce. Facilmente o missionário se converte em adminis-

trador ou funcionário de uma estrutura, de uma obra ou de uma organização qualquer. Profissionaliza-se. Desativada a chama, vira prisioneiro da própria gaiola.

Conclui-se que as horas dedicadas à oração e à vida comunitária não constituem um apêndice da missão, mas condição sine qua non para sua eficácia. Cultivar a intimidade com a pessoa de Jesus, de um lado, e a partilha do pão e da vida com os irmãos, de outro, não é tempo subtraído à missão, mas oportunidade que a qualifica e fortalece. Quem não conhece o caminho da fonte não poderá saciar o sedento, alegrar o triste, levantar o caído, recomençar a caminhada com o peregrino. Daí a necessidade de manter "os olhos fixos em Jesus" (Hb 12,2) e os pés firmes no solo sólido da comunidade.

Pe. Alfredo J. Gonçalves
Pastorais Sociais
Adital

VAMOS A FORTALEZA!

2012, ano de nosso XIX Encontro do MFPC.

Uma centena de já inscritos - que maravilha!!!

O encontro é aberto a padres, leigos e leigas amigos(as).

Vamos a Fortaleza nos dias 27/06 a 01/07!!!

Para se inscrever, ver nosso site: www.padrescasados.org

Vai ser maravilhoso, ainda mais com suas presenças!!!

É hora de assinar ou renovar a assinatura de RUMOS



A MULHER DO PADRE

Nascido na pequena São Domingos de Goiás, o padre Tarcísio Bráulio, 30 anos, não se arrepende de ter largado a função que exercia em uma igreja de Planaltina (GO) para viver um amor avassalador com a então secretária paroquial Valdenice Ribeiro, 25.

"Me ordenei sem vocação. Não tenho vontade de voltar a celebrar missas", reconhece. Ordenado em julho de 2004, Bráulio pediu o desligamento - ainda não enviado ao Vaticano - em fevereiro de 2009.

"Estava vivendo uma vida dupla, por isso pedi o afastamento". "Fui muito feliz, mas faltava algo para me completar", conta. É defen-

sor do celibato opcional.

Paí do pequeno Tiago, com um mês de vida, Tarcísio vive ao lado de Valdenice, que já é mãe de outras duas crianças. "Ela já estava separada quando decidimos ficar juntos", adianta.

Funcionário público desde dezembro, o padre diz que foi vítima de preconceito e teve dificuldade para obter emprego. "Fomos rejeitados por parte da comunidade e só consegui trabalhar porque um catequista de Planaltina me indicou para uma vaga", observa.

Em sua opinião, Valdenice foi quem mais sofreu. "Nesse caso, a mulher é considerada culpada.



ORDENAÇÃO SACERDOTAL DE MULHERES

Até há pouco tempo eu tinha um pouco de alergia à ordenação das mulheres. Sempre me perguntei por que Jesus escolheu só homens para apóstolos.

Depois comecei a reparar que várias mulheres seguiam Jesus e os Apóstolos e que nas primeiras comunidades de que falamos Atos e Paulo, várias mulheres se destacam pelo seu ministério, no sentido de serviço, única aceção em que aceito essa palavra que, infelizmente, depois, sobretudo após Constantino, virou sinônimo de poder, de exclusividade, de domínio de uns poucos sobre todos...

Finalmente, na Sala da última ceia, que chamamos cenáculo, havia Jesus, os apóstolos e outros homens e mulheres. Não consta que Jesus tenha excluído ninguém da ceia e da partilha do pão e do vinho. E a todos disse: - Fazei isto em memória de mim, não só aos doze...

E o Espírito Santo desceu sobre todos os que estavam na casa, no quinquagésimo dia após a Páscoa (Pentecostes = 50 dias).

Hoje, se a Igreja (não digo o papa e os bispos, mas o Povo de Deus, de que eles também fazem parte) chegar à conclusão de que, como parece sempre mais, não há na bíblia qualquer restrição à ordenação de mulheres, eu aceito tranquilamente.

Não dou maior valor à

"decisão monocrática" de João Paulo II de que o assunto da ordenação das mulheres é caso encerrado, pois ele não é dono do Espírito Santo e muita gente na Igreja pensa o contrário.

E vejo com bons olhos as Igrejas ditas protestantes começarem a ordenação de mulheres para os três graus da Ordem. E também alguns casos já ocorridos na Igreja católica ou em Igrejas muito próximas a ela, sobretudo na Europa e nas Américas do norte, do centro e do sul.

Se bem que tenho consciência de que toda a questão do Sacerdócio no Novo Testamento é bastante polêmica e de que, provavelmente, Jesus, que foi um leigo, não quis fundar uma

Igreja com Sacerdotes, mas com comunidades de serviço que partiam o pão da Palavra, do amor fraterno e, conseqüentemente, da Eucaristia. Elementos esses essenciais à vida cristã e que, portanto, têm de estar ao alcance de todo o Povo de Deus: onde dois ou três se reunirem em nome d' Ele.

Provavelmente têm razão os dominicanos holandeses que ensinam que não é necessário um padre ou bispo para celebrar a refeição sagrada dos cristãos, a Eucaristia. Sobretudo se insistirmos bem mais no seu aspecto de refeição, de alimento essencial, de encontro da família dos cristãos, do que no seu aspecto vétero-testamentário e pagão de sacrifí-

cio. Aspecto este que se fixa na Sexta-feira Santa e na Cruz, no sangue derramado, numa pequena dialética dostoiwskiana de CRIME E CASTIGO, e muito pouco na Ressurreição, na Alegria da Morte vencida e da Vida nova chamada à plenitude do Pléroma tou Christou, ao ômega de toda a criação finalmente lavada no sangue do cordeiro e, portanto, tornada filha de Deus, mesmo que ainda sintamos as dores do parto da Nova Criação e da Nova Humanidade.

Aqui, uma boa leitura de Teillard de Chardin e dos Documentos do Vaticano II, sobretudo a Gaudium et Spes, podem ajudar bastante.

Em vez de:

* olhar para o passado e se fixar nele quase que enudeando-o, parando o tempo e eterna criatividade do Espírito Santo que não é de ontem mas de hoje e sempre,

* ter medo do mundo e do novo,

* há que olhar para o hoje, concreto, aqui e agora, * e buscar na Palavra de Deus, Viva e Vivificante, respostas para a nossa realidade concreta de hoje.

Há que entender e viver o kairós, o tempo oportuno de DEUS QUE NOS VEM SALVAR NO NOSSO MOMENTO ENA NOSSA REALIDADE HISTÓRICA, HOJE, AQUI E AGORA

A Hierarquia da nossa Igreja está muito mais para Parmênides (nada muda) do que para Heráclito (panta rei, tudo muda, tudo corre, tudo flui). Tem medo de se lançar para águas mais profundas, do bramir das ondas, da força dos ventos, do balanço do barco. Enclausurado na colina vaticana, esquece o Tibre, que corre tranquilo mas sempre, a poucos metros de distância, e o mar, a poucos quilômetros, em Ostia.

Por quê? Porque com a teoria de Parmênides se tem mais segurança. A segurança de um rochedo é bem maior do que a flutuação de um barco no rio ou no mar.

É por isso que tantos no Vaticano e alhures querem voltar para a segurança, o tudo certo e definido, o dog-

mático, a disciplina férrea do Concílio de Trento. Incutindo na Igreja povo de Deus que a maior virtude do cristão é a obediência cega, não o amor, a fraternidade e a liberdade dos filhos de Deus.

E não suportam, não aguentam, têm ojeriza, ao estilo bem mais pastoral, aberto ao diálogo com todas as forças vivas do mundo, das religiões e da ciência e da cultura. E com todas as pessoas de boa vontade.

Fico arrepiado ao falar com tantos seminaristas, padres novos e de meia idade e ao ver o desconhecimento ou, freqüentemente ao desprezo que têm pelo Concílio Vaticano II...

Será que a Rocha, a Pedra/Pedro é capaz de frear a vitalidade e a criatividade do Espírito, que sopra quando e onde quer? Será que é essa a missão dele? Ou, como bem dizia João XXIII, sua missão, como a de todo o cristão, é perscrutar os sinais dos tempos, saber olhar a natureza e a história, saber olhar as mazelas da humanidade e para elas, hoje, aqui e agora, apresentar o Jesus do século XXI que quer ser o nosso SALVADOR, companheiro de viagem, amigo, mestre, irmão?

Pelo menos tanto como o foi para os hebreus do seu tempo. E os apóstolos para os vários países que compunham o Império Romano.

João Tavares
tavaresj@elo.com.br



REUNIÃO DOS PADRES CASADOS EM SANTARÉM PA



Aconteceu no dia 11 de dezembro de 2011 a 1ª Reunião de Padres Casados da Região do Baixo Amazonas/PA, na cidade de Santarém.

O encontro foi na casa de Frei Chico Probst, com a presença dos padres Ruy Barbosa, Cristóvão e Tarcísio Maia.

Este primeiro encontro foi mais para uma troca de experiências e para falar do XIX ENCONTRO NACIONAL DO MOVIMENTO DAS FAMÍLIAS DOS PADRES CASADOS (MFPC) que deverá acontecer este ano em Fortaleza (de 27/06 a 01/07).

Foi um momento muito bom e importante para o fortalecimento da fé em Jesus Cristo através da partilha das experiências de cada um.

O encontro encerrou com um excelente almoço.

Já está sendo preparada uma próxima reunião procurando envolver mais padres egressos (casados e solteiros) aqui da região do Baixo Amazonas/PA. São eles: Padres Adlin (Óbidos), Jonas (Monte Alegre) e Fernando, dentre outros. Neste próximo encontro discutiremos sobre o "Fortalecimento da Comunhão Mútua" e "Troca de Experiências", procurando contar ainda com a presença das esposas de cada um e seus filhos(as). Brevemente informaremos sobre a data e local do próximo Encontro.

Estamos acreditando na nossa organização aqui.

Tarcísio Maia

AS MULHERES DA PÁSCOA

1 As mulheres entraram muito cedo e de vários modos na vida de Jesus de Nazaré. Hoje, é quase impossível imaginar a importância desse fenômeno.

Seria necessário estudar o lugar da mulher na cultura religiosa do tempo de Jesus, para perceber o alcance da revolução que ele desencadeou.

Vivemos numa época na qual a mulher tem um papel cada vez mais ativo na vida e na liderança das sociedades, mas a sua situação na Igreja é um anacronismo que, esperamos, os anos se encarregarão de vencer.

A exegese feminista conquistou, no âmbito das abordagens contextuais, um lugar, ainda não ao sol, mas à sombra, no documento da Comissão Pontifícia Bíblica, de 1993 (A interpretação da Bíblia na Igreja).

O que espanta é a lentidão em reconhecer o que parece claro no Novo Testamento e que, ainda hoje, muitos não querem ver o que estão a ver, devido à resistência de uma cultura secular antifeminista que os torna cegos, mas vamos por partes.

2. No Evangelho de S. Lucas, depois da cena escandalosa da mulher que surpreendeu, tocou e beijou Jesus, na casa de um fariseu, onde ele estava a jantar - e para onde ela não tinha sido convidada - (Lc. 7, 36-50), são as mulheres que surgem em grupo, de uma forma estranha e ambígua. Vale a pena transcrever o texto: "depois disso, ele andava por cidades e aldeias, pregando e anunciando a boa nova do reino de Deus. Os Doze acompanhavam-no, assim como algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e doenças: Maria, chamada Madalena, da qual haviam saído sete demônios, Joana, mulher de Cuza, o procurador de Herodes, Suzana e várias outras, que os serviam com os seus bens." Ireemos encontrá-las depois da Ressurreição dedicadas a converter, muito a

custo, os Apóstolos que lhes não davam crédito (Lc. 24, 9-11).

São elas as mulheres da Páscoa cristã.

O grande historiador judeu, Flávio Josefo (<<http://pt.wikipedia.org/wiki/37>> 37 ou <<http://pt.wikipedia.org/wiki/38>> 38 - c. <<http://pt.wikipedia.org/wiki/100>> 100 d.C.), nas Antiquidades Judaicas, afirma, por duas vezes, que "o testemunho das mulheres não deve ser aceite por causa da fragilidade e presunção do seu sexo". Noutra passagem, com outras palavras, repete a mesma ideia: "das mulheres não se pode aceitar nada como certo, por causa da ligeireza e temeridade do seu sexo".

Um outro judeu, Jesus de Nazaré, parece que estava apostado em atirar pelos ares, costumes e ideias, que perpetuavam a marginalização do testemunho das mulheres. A opção deste Nazareno era de um atrevimento escandaloso, ao fazer delas testemunhas da sua Vida, da sua Paixão, da Ressurreição e do Pentecostes.

É certo que começam a aparecer, no Evangelho de S. Lucas, em grupo, mas de uma forma sorradeira e como

que, apenas, financiadoras do novo projeto. Dá a ideia que foram conquistando terreno até ao momento extremo de tornarem o futuro do movimento cristão dependente delas. Não me parece nada que tenha sido assim, embora não tenha espaço para demonstrá-lo.

As narrativas do Novo Testamento, aquilo a que chamamos os Evangelhos, são fruto de várias tradições, de várias comunidades, de tempos e culturas diferentes. O que espanta é que sendo textos escritos por homens, também eles marcados pela mentalidade refletida por Flávio Josefo - basta ver o que pensavam os apóstolos quando elas os procuravam evangelizar (Lc. 24, 9-11) - como é que os seus escritos testemunham uma presença impressionante de mulheres em torno de Jesus e nas Igrejas nascentes. Aqueles que desejam abafar o papel que as mulheres devem desempenhar atualmente na Igreja, imaginam Jesus, de Mitra e Báculo, a ordenar, numa Missa solene, os doze apóstolos, mostrando assim que Jesus, de Mitra e Báculo, não ordenou nenhuma mulher. E homens?

É uma imaginação a funcionar ao contrário. O que podemos e devemos imaginar é o que deve ter sido a presença ativa das mulheres, em todo o percurso de Jesus, para ter resistido ao aperto cultural e religiosos do seu tempo.

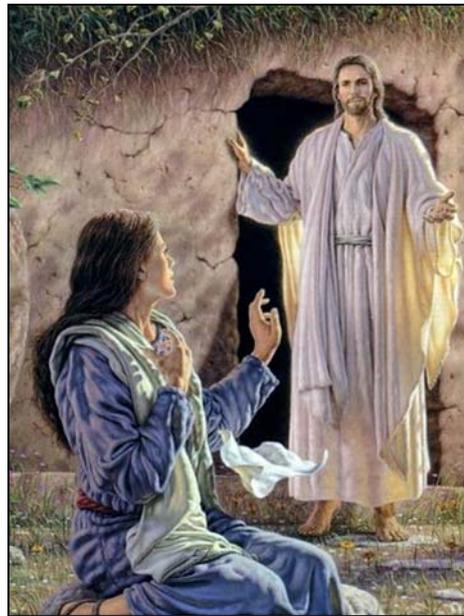
3. Pertence aos exegetas continuar a analisar, com todos os métodos de que dispõem, as narrativas sobre o túmulo vazio e as aparições do Ressuscitado. Essas narrativas coincidem em algo essencial: A morte não teve sorte com Jesus: Ele está vivo e para sempre; é o mesmo, embora já não da mesma maneira. Aos discípulos pede que sejam testemunhas dessa esperança, essa memória de futuro.

Não se trata de nada que se possa provar por qualquer das ciências que existem. É de outra ordem. A fé, como diz o filósofo Wittgenstein, é fé naquilo de que necessita o meu coração, a minha alma e não a minha inteligência especulativa. Pois é a minha alma com as suas paixões, por assim dizer, com a sua carne e sangue, que tem de ser salva e não a minha razão abstrata. Só o amor pode acreditar na Ressurreição.

O espantoso capítulo 20 do Evangelho de S. João conta que uma mulher, Madalena, liberta e apaixonada, não largou Jesus nem na vida, nem no vazio da morte, nem no túmulo. Continuou a procurá-lo. Não o encontrou, mas foi encontrada por aquele que sabia o seu nome. A sua recompensa foram novos trabalhos, uma encomenda direta do Ressuscitado: "vai a meus irmãos e diz-lhes: Subo a meu Pai e vosso Pai, a meu Deus e vosso Deus". Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: vi o Senhor e as coisas que ele lhe disse.

Porque impedir as mulheres da Páscoa de realizarem a sua missão apostólica na vida da Igreja ao serviço da transformação do mundo?

Frei Bento Domingues, O.P.



FALECIMENTO

FLORISVAL LÚCIO

Faleceu FLORISVAL LÚCIO, no dia 2 de janeiro. Após vários meses de grande sofrimento. Pertencera à Congregação do Sagrado Coração tendo nascido em Palmeira dos Índios, Alagoas. Era casado com a professora Erenilda e pai de 3 filhos: Ramon, Raíssa e Lúcio Roberto.

Lúcio era conhecido por todos os membros do MPFC nacional, pois compareceu à maior parte de nossos encontros, salientando-se por sua maneira peculiar de emitir suas opiniões e como jornalista editou o jornalzinho "O pontapé".

CONQUISTEM 2 ASSINANTES

IMPORTANTE. COLEGAS LEITORES: A DIRETORIA DO MFPC DESEJA DUPLICAR O NÚMERO DE ASSINANTES DO JORNAL RUMOS IMPRESSO. POR ISSO ESPERAMOS QUE VOCÊS CONQUISTEM 2 (DOIS) OU MAIS. SERÁ UM PRESENTE PARA QUEM ASSINAR (SÓ

35,00) E PARA O MFPC, QUE ENTÃO PODERÁ CONTINUAR COM O JORNAL.

DESDE JÁ NOSSO MUITO OBRIGADO PELA COLABORAÇÃO!!!

EM NOME DA DIRETORIA GILBERTO LUIZ GONZAGA



Vamos a Fortaleza!

2012, ano de nosso XIX Encontro do MFPC.
127 jã inscritos - que maravilha!!!
O encontro é aberto a padres, leigos e leigas amigos(as).
Vamos a Fortaleza nos dias 27/06 a 01/07!!!
Para se inscrever, ver nosso site: www.padrescasados.org
Vai ser maravilhoso, ainda mais com suas presenças!!!

Movimento das Famílias dos Padres Casados

ENCONTRO DO MFPC EM CURITIBA

Queremos compartilhar nossa experiência de fraternidade, vivida aqui em Curitiba e região metropolitana. Dia 18/12/2011 realizamos um encontro natalino de um pequeno grupo, onde estiveram presentes onze pessoas:

Lázaro De Pauli; Marina Cavalcante de Souza; Aurélio Vaccari; Joarez Virgolino Aires;

Ausília Morés Aires; Neusa Maria Sasso; Milton Batista de Almeida; Maria

Mendes de Oliveira Santos; José de Oliveira Santos; Gabriel Mendes de Oliveira Santos (11 anos); Sofia Mendes de Oliveira Santos (7 anos).

Este encontro foi maravilhoso, um encontro de irmãos e irmãs, com muitas histórias de vida a partilhar.

Celebramos a Palavra de Deus e celebramos a vida, com nossas alegrias, esperanças, lutas e dificuldades.

E saímos mais unidos, sentindo-nos mais fortalecidos em nossa caminha-

da cristã.

Embora nem todos possam participar do grande encontro a ser realizado em Fortaleza, todos nos sentimos afinados com o espírito do MFPC.

O encontro foi coordenado por Joarez Virgolino Aires e sua esposa Ausília Morés Aires.

Fomos acolhidos pelo casal Lázaro De Pauli e Marina Cavalcante de Souza, a quem manifestamos nossa profunda gratidão, por nos auxiliar a ter este maravilhoso encontro de comunhão fraterna.

Esperamos que Deus nos dê a oportunidade de aprofundarmos cada vez mais os laços fraternos e nos fortalecermos cada vez mais para que possamos viver a nossa vocação como testemunhas de Jesus Cristo nas nossas situações concretas de famílias de padres casados.

José de Oliveira Santos
 zezinhoceму@yahoo.com.br



PROBLEMAS ATUAIS DO VATICANO

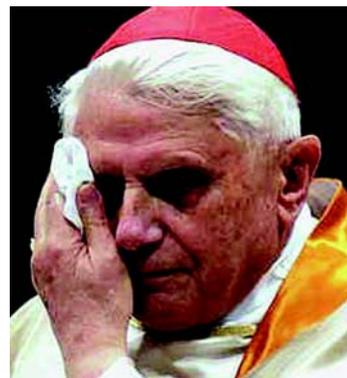
Continuam cada vez mais públicas e agudas as dissensões no Vaticano. Já nada serve ocultá-las ou marginalizá-las.

O Vaticano deve regressar firmemente ao Concílio Vaticano II.

Por favor! Por dever! Por Necessidade! Com permissão de minha consciência, eu me animaria a dizer - de joelhos - a Bento XVI um desejo, ou conselho ou súplica:

- "pelo menos, queime publicamente seu Catecismo católico", porque é "penalista medieval" e ridículo para o mundo moderno de Cristo; não se pode atribuir a Jesus essas "penas de inferno eterno"... até a menores de idade... por faltarem a missa dominical ou por masturbarem-se... Queime também o Código de Direito canônico... que nem é direito por não ser coativo, e ponha em seu lugar normas pastorais que cada Bispo poderá aplicar segundo as circunstâncias.

- E, sobretudo, submeta-se às autoridades legítimas civis, da mesma forma como se submeteu Jesus inocente... porque Vossa Santidade é civil e penalmente culpável



pelo encobrimento de delitos de pedofilia de milhares de clérigos por mais de dez anos.

Jesus inocente sofreu a cruz; Vossa Santidade culpável deve servir de exemplo de penitência devida.

Jesus o abraçará na mesma cruz redentora!!!

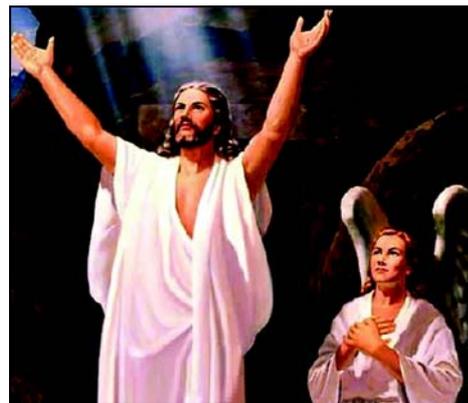
Padre Aguirre
 padreaguirre@arnet.com.ar

NÃO ESTÁ AQUI, RESSUSCITOU!

A cada ano, a festa da Páscoa nos suscita novas e ricas reflexões sobre o mistério da paixão, morte e ressurreição de Cristo. Um homem foi morto e levado à sepultura. Aparentemente, a história acabou e o sistema injusto que o condenou, coisa comum até hoje, está satisfeito. Achando-se a pedra do sepulcro removida, e nele não sendo encontrando o corpo de Jesus, as mulheres entraram em pânico. O corpo do rabi havia desaparecido. Um anjo tratou de tranquilizá-las: "Por que vocês procuram entre os mortos aquele que está vivo? Não está aqui, ressuscitou!". Naquele momento, para toda a comunidade apostólica, o fato de encontrarem o sepulcro vazio era ainda uma ponderável incógnita.

A descoberta do sepulcro vazio traz consigo diversos fatos capazes de confundir a comunidade apostólica. Tanto assim que Pedro não entendeu. Madalena não reconheceu Jesus, no primeiro momento, nem os demais acreditaram no testemunho dela. As mulheres entraram em pânico. Os inimigos subornaram os guardas para que contassem outra história. Somen-te João acreditou. A Escritura diz que "... ele viu e creu" (cf. Jo 20. 8b).

Para a apologética cristã do primeiro século, o sepulcro vazio é um elemento im-



portante para a credibilidade do anúncio da ressurreição. É um milagre-sinal. A ressurreição (e sua idéia-chave é o sepulcro vazio) é o ponto de partida da instauração da Igreja e da pregação do evangelho. Não haveria Igreja, e o evangelho perderia sua consistência sem a ressurreição de Cristo. A fé na vitória de Cristo sobre a morte é o centro axial do cristianismo. Fé aqui não retrata apenas a adesão a um conjunto de verdades reveladas, mas subentende vigorosamente um processo de conversão do ser humano ao projeto amoroso de Deus. O sepulcro vazio é um fato concreto, a partir do qual as perspectivas do Reino passam a assumir caráter de realização. Até então, o Reino era uma idéia, fruto da pregação, com o suporte de alguns milagres.

A partir da ressurreição, as promessas passam a se

tornar realidade, quando as angústias e buscas do ser humano passam a ter respostas completas, na dinâmica da vitória da vida sobre a morte. Como nos ensina São Paulo, "... se acreditamos que Jesus morreu e ressuscitou, acreditamos também que aqueles que morreram em Jesus serão levados por Deus em sua companhia" (1Ts 4, 14).

A vitória de Cristo mostra que a vida continua, e que a chegada do Reino demonstra que as promessas tornam-se realidade. É preciso intuir essa revelação, ouvindo a voz de Deus, sem endurecer o coração. Nesse particular, a ressurreição só tem sentido se revela o futuro dos que esperam em Jesus a passagem para a vida nova. Essa passagem é visível em nós?

Antônio Mesquita Galvão
 Bibliista e Doutor em Teologia Moral

Humor *Secador de Cabelo*

Uma Senhora muito distinta estava em um avião vindo da Suíça. Vendo que estava sentada ao lado de um padre simpático, perguntou:

- Desculpe-me, padre, posso lhe pedir um favor?
- Claro, minha filha, o que posso fazer por você?

- É que eu comprei um novo secador de cabelo sofisticado, muito caro. Eu realmente ultrapassei os limites da declaração e estou preocupada com a Alfândega. Será que o Senhor poderia levá-lo debaixo de sua batina?

- Claro que posso, minha filha, mas você deve saber que eu não posso mentir!
- O Senhor tem um rosto tão honesto, Padre, que estou certa que eles não lhe farão nenhuma pergunta. E lhe deu o secador.

O avião chegou a seu destino.

Quando o padre se apresentou à Alfândega, lhe perguntaram:

- Padre, o senhor tem algo a declarar?

O padre prontamente respondeu:

- Do alto da minha cabeça até a faixa na minha cintura, não tenho nada a declarar, meu filho.

Achando a resposta estranha, o fiscal da Alfândega perguntou:

- E da cintura para baixo, o que o Senhor tem?

- Eu tenho um equipamento maravilhoso, destinado ao uso doméstico, em especial para as mulheres, mas que nunca foi usado.

Caindo na risada, o fiscal exclamou:

- Pode passar, Padre!
- O próximoooooo...

